



MUITAS ÁFRICAS

Afro Fashion Day 2023 leva para a passarela mais preta do Brasil a pluralidade cultural do continente africano; veja looks e histórias



BAHIA CRIATIVA

Afro Fashion Day 2023
reforça compromisso
com moda autoral

Gabriela Cruz
REPORTAGEM
gabriela.cruz@redebahia.com.br

O Afro Fashion Day (AFD) chegou à sua nona edição no sábado passado (25 de novembro) e se reafirmou como um dos mais representativos eventos de moda do Brasil. Considerada a maior passarela preta do país, teve novamente o Terreiro de Jesus, no Centro Histórico de Salvador, como

cenário. Este ano, o desfile trouxe como tema “Mãe África” e foi dividido em 3 blocos: Afro Realeza, Afro Etnia e Afrofuturismo. Mais uma vez, coube à Fagner Bispo e Filipe Dias o styling a partir das peças criadas pelas marcas. Com presença da cantora Majur, do coreógrafo Zebrinha e da MC Áurea Semiseria, mais de 70 modelos – sendo 16 escolhidos nas seletivas de bairro – desfilaram looks compostos por roupas e acessórios de

mais de 40 empresas e designers baianos. O evento contou com a estreia das marcas de acessórios Cravo e Canela e Fios de África e dos estilistas eleitos no concurso cultural – Christian Jonathas, Deco Sodré e Guilherme Almeida. O Afro Fashion Day é um projeto do jornal Correio com patrocínio da Vult, Bracell e Will Bank, apoio do Shopping Barra, Salvador Bahia Airport, Wilson Sons e Atacadão, apoio institucional do Sebrae e Prefeitura Municipal de Salvador e parceria do Clube Melissa.



ESPECIAL
AFD 2023

EDITORIA-CHEFE
LINDA BEZERRA

COORDENAÇÃO DE CONTEÚDO E PLANEJAMENTO
JORGE GAUTHIER

PROJETO GRÁFICO
THAINA DAYUBE

DESIGN
THAINA DAYUBE

ENGAJAMENTO E AÇÕES DIGITAIS
CHRISTINA MARIANI, EDUARDO BASTOS, GABRIEL CERQUEIRA, ISIS CEDRAZ, JORGE GAUTHIER E THAINA DAYUBE

CAPA
FOTO DE ARISSON MARINHO COM DESIGN DE THAINA DAYUBE

EDIÇÃO DE FOTOGRAFIA:
SORA MAIA

REPORTAGEM
GABRIELA CRUZ, DORIS MIRANDA, DONALDSON GOMES, LUCAS LEAL, LUIZA GONÇALVES, VICTOR LAHIRI E JORGE GAUTHIER

EDIÇÃO
DORIS MIRANDA, GABRIELA CRUZ, DONALDSON GOMES E JORGE GAUTHIER

GERENTE COMERCIAL
LUCIANA GOMES – LUCIANA.GOMES@REDEBAHIA.COM.BR

COORDENADORA
VANESSA MAGALHÃES – VANESSA.ARAUJO@REDEBAHIA.COM.BR



Simone Costa usa look Negrif, acessórios Fios de África e sapato Clube Melissa.



Norilde José veste Mário Farias. Nos pés, Clube Melissa.



Amar Ahmad usa look assinado por Mário Farias. Nos pés, Clube Melissa.



Laura Mendes está com look assinado por Rey Vilas Boas. Brincos: By Aninha. Sapatos Clube Melissa.



Filipe Lessa veste look criado por Fagner Bispo. O brinco é By Aninha. Sapatos Clube Melissa.



Eduarda Santos usa look também de Fagner Bispo. O colar é Táboompravocê e os sapatos Clube Melissa.

ANALISTA DE MARKETING E PROJETOS
NELSON PEREIRA – NELSON.PEREIRA@REDEBAHIA.COM.BR

EDITORA DE CONTEÚDO E PROJETOS
MARÍLIA GABRIELA CRUZ – GABRIELA.CRUZ@REDEBAHIA.COM.BR

COMUNICAÇÃO
MONIQUE DUARTE – MONIQUE.DUARTE@REDEBAHIA.COM.BR

DESIGN GRÁFICO
CAIC COSTA – CAIC.COSTA@REDEBAHIA.COM.BR

DEPARTAMENTO COMERCIAL
COMERCIAL.CORREIO@REDEBAHIA.COM.BR

Correio
FUNDADO EM 20 DE DEZ DE 1978
R. ARISTIDES NOVIS, 123, FEDERAÇÃO CEP 40210-630
ASSINATURAS 71 3480 9140
REDAÇÃO 71 3203 1048

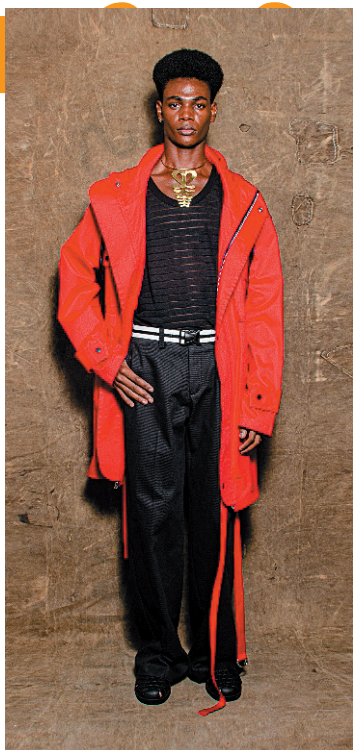




Núbia Cardoso veste Balbina, acessórios Tábompravocê e sapato Clube Melissa.



Felipe Santana usa look MB Conceito e sapato Clube Melissa.



Alan Souza com look Gefferson Vila Nova, colar By Aninha e sapato Clube Melissa.



Ângela Vieira com look e colar Regina Navarro BelaOyá, bracelete e anel By Aninha e Sapato Clube Melissa.



Nicolas Ribeiro com look Gefferson Vila Nova, colar By Aninha e sapato Clube Melissa.



Lavinia Borges veste Lourrani Baas, brinco Cravo & Canela, braceletes By Aninha e sapato Clube Melissa.



Caio Costa com look Rey Vilas Boas, acessório de cabeça Kelba Deluxe, bracelete Fios de África e sapato Clube Melissa.



Lara Sofia com look Aládio Marques, colar Tábompravocê e sapato Clube Melissa.



Monique Williams com look Criollo, brincos By Aninha, bracelete Tábompravocê e sapato Clube Melissa.



João Guilherme veste Realeza, bolsa e sapato Clube Melissa.



Ariel Hoffman com look Criollo, colar Cravo & Canela, coroa Fios de África e sapatos Clube Melissa.



Nadson Assis com look Inttúi colar By Aninha, coroa Fios de África e sapato Clube Melissa.



Nathália Araújo veste Silverino Ojú, acessórios Tabompravocê e sapato Clube Melissa.



Maiara Amorim usa look de Filipe Dias e Fagner Bispo, brinco By Aninha e sapato Clube Melissa.



Jussy Gualberto veste Negrif, acessórios Tabompravocê e sapato Clube Melissa.



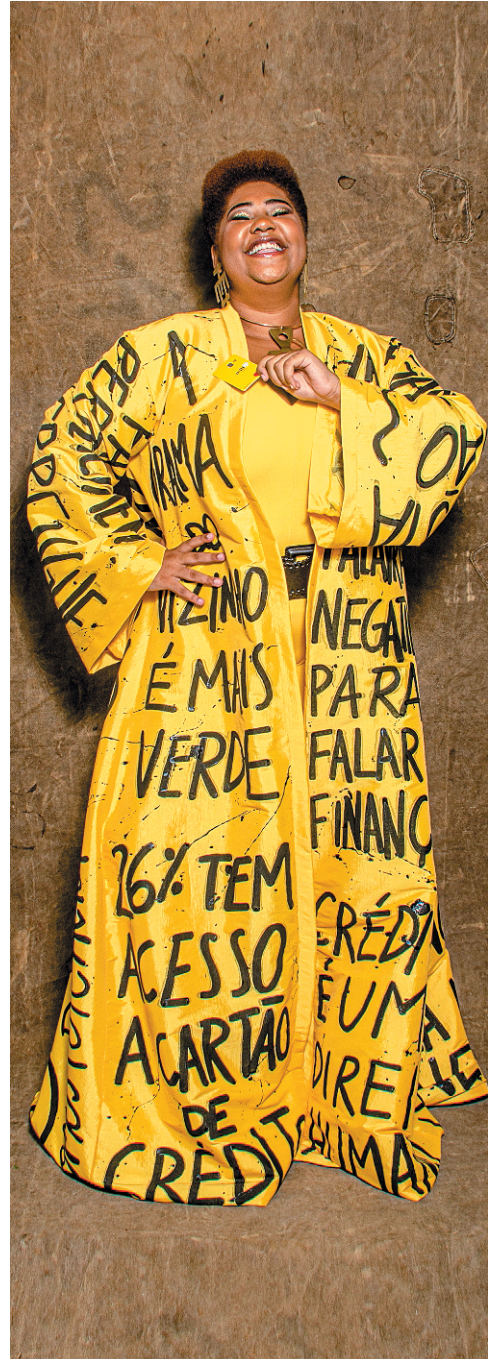
Jonas Bueno com look MB Conceito, colares Tabompravocê e sapato Clube Melissa.



Gisele Cristine usa look Balbina, colar By Aninha e sapato Clube Melissa.



Geise Dias com look Negrif, acessórios Tabompravocê e sapato Clube Melissa.



Áurea Semiseria com look Filipe Dias e Fagner Bispo e sapato Clube Melissa.



AFRO ETNIA



Alexia Bairon usa Rey Vilas Boas, brinco Tábompravocé e sapato Clube Melissa.



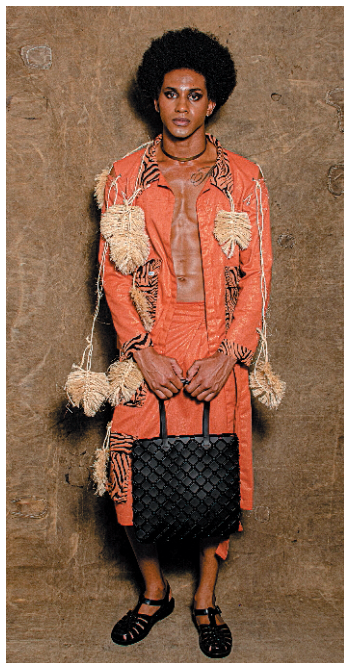
Rejane Santos usa look Adriana Meira, brinco Cravo & Canela e sapato Clube Melissa.



Amissão Nhiracó com look Adriana Meira, colar By Aninha e sapato Clube Melissa.



Daniel Reis veste Abanto. A choker é By Aninha e o sapato Clube Melissa.



Wallace Pinheiro usa look Abanto, choker By Aninha, bolsa e sapato Clube Melissa.



Tarcila Araújo com look Sillas Filgueira, brincos e colar Cravo & Canela e sapato Clube Melissa.



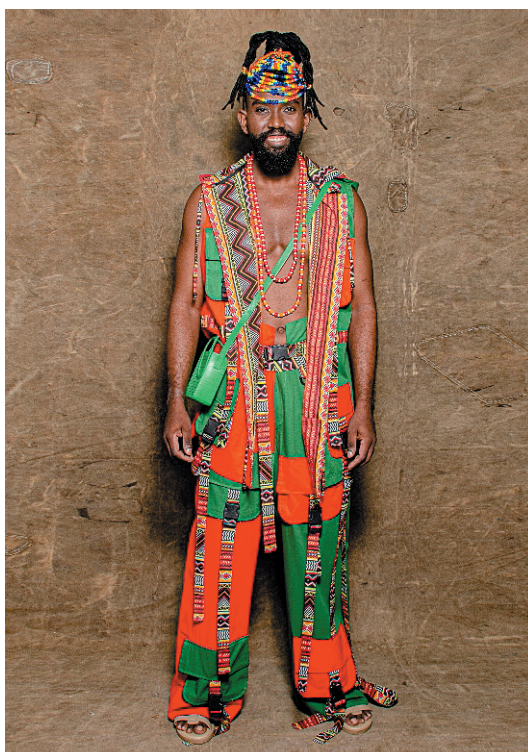
Weverton Silva veste Sillas Filgueira, choker By Aninha, bolsa e sapato Clube Melissa.



Hellen Miller veste Filipe Dias e usa acessórios Tábompravocé. O sapato é Clube Melissa.



Kaio Cardeal com look Filipe Dias, acessórios By Aninha e sapato Clube Melissa.



Caio Bouças veste Olorum. O acessório de cabeça é Kelba Deluxe e a bolsa Clube Melissa.

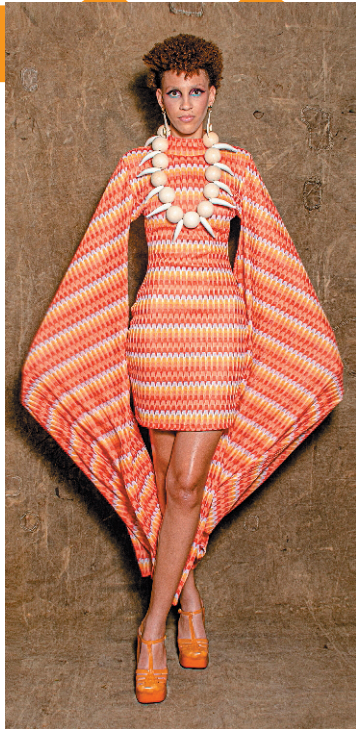


Máximus com look Olorum, braceletes By Aninha e sapato Clube Melissa.

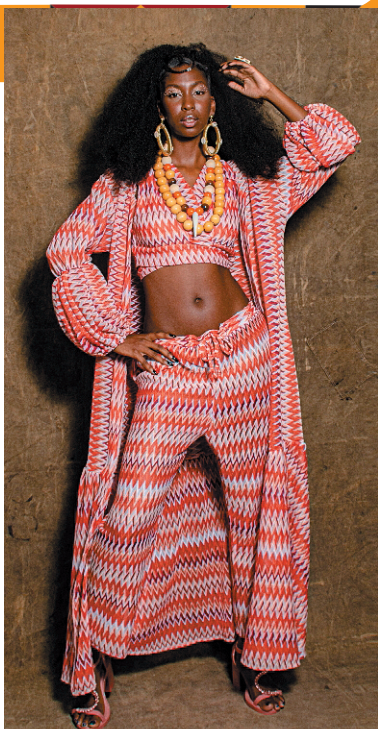
ASSINATURA DA FOTO



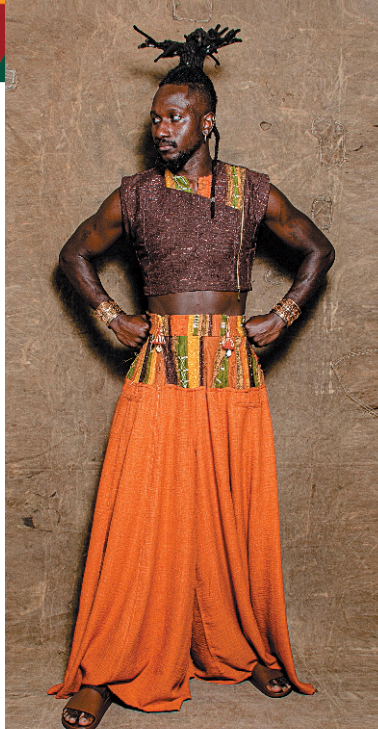
Diana Ramos com look João Damapejú, bolsa Dih Morais, brinco Tabompravocê, colar Fagner Bispo e sapato Clube Melissa.



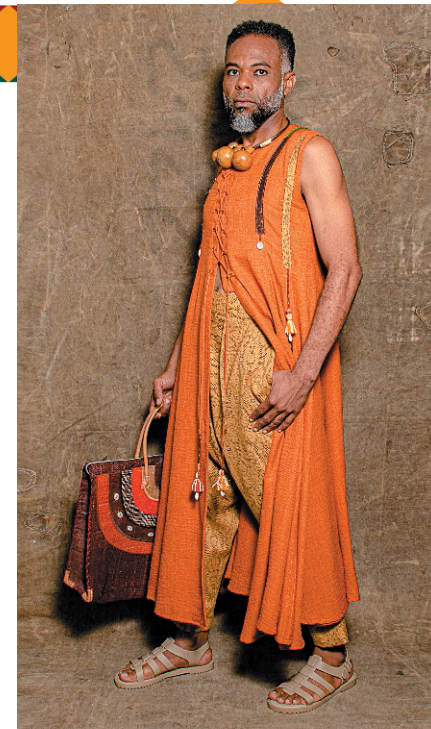
Adriele Cerqueira com look João Damapejú, acessórios Tabompravocê e sapato Clube Melissa.



Elisabete Ribeiro veste João Damapejú, acessórios Tabompravocê e sapato Clube Melissa.



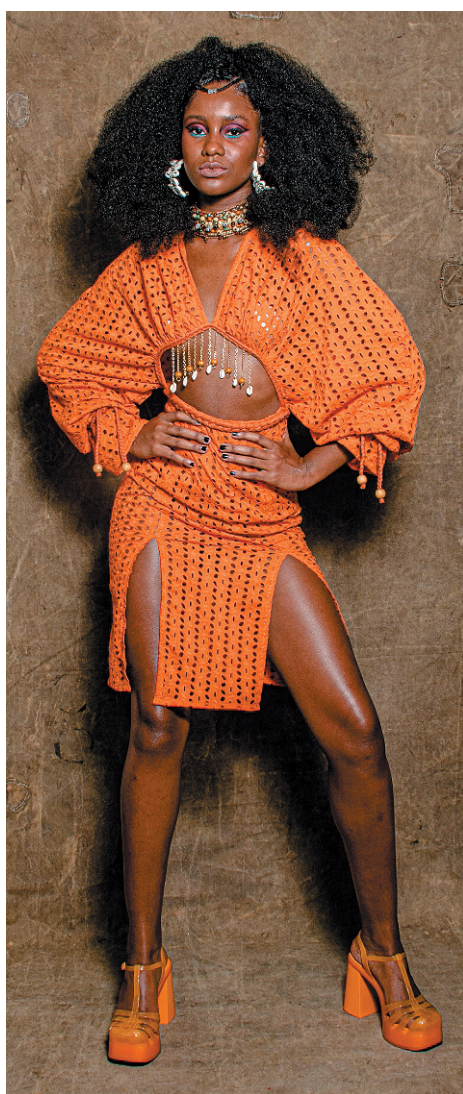
Eco de Gumbé com look Katuka Africanidades, braceletes By Aninha e sapatos Clube Melissa.



Álvaro Pereira com look Katuka Africanidades, colar By Aninha e sapato Clube Melissa.



Zebrinha usa Katuka Africanidades, braceletes Fios de África e calçado Clube Melissa.



Júlia Victoria veste Ateliê Casalinda, choker Kelba Deluxe, brinco By Aninha e calça Clube Melissa.



Beatriz Freitas veste Ateliê Casalinda. Brincos Tabompravocê e sapato Clube Melissa.



Joalisson Pereira com look Soul Dila, colar By Aninha e sapato Clube Melissa.



Geisa Pereira veste Soul Dila, acessórios By Aninha e sapato Clube Melissa.



Nara Lins veste Inttúi. Brinco Tabompravocê, colares By Aninha e sapato Clube Melissa.



Bruno Almeida com look Inttúi e sapato Clube Melissa.



Carine Barbosa usa Inttúi bolsa Dih Morais, colar Fagner Bispo e sapato Clube Melissa.

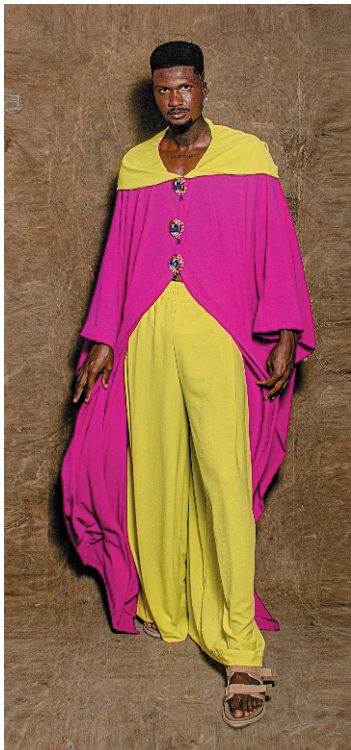


Raquel Cavalcanti veste look Filipe Dias, brincos By Aninha e sapato Clube Melissa.

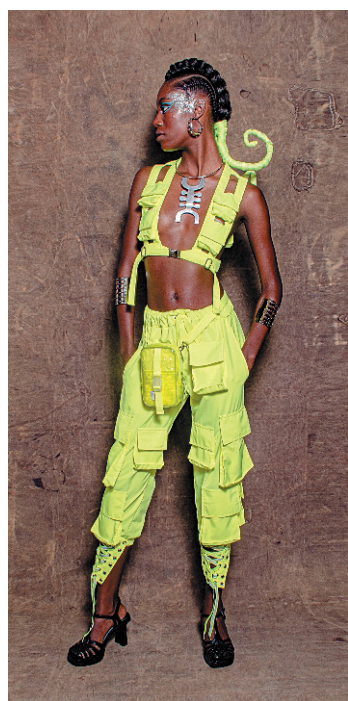
AFRO FUTURISMO



Karen Brito veste Mônica Anjos, brinco Cravo & Canela e sapato Clube Melissa.



Rafael Menezes usa look Mônica Anjos e sapato Clube Melissa.



Luane Santana usa Black Atitude, acessórios By Aninha, bolsa Ziê e sapato Clube Melissa.



Domiciano usa Black Atitude, bracelete Fios de África, bolsa e sapato Clube Melissa.



Dandara Namibia veste Bixa Costura, acessórios By Aninha e sapato Clube Melissa.



Lunna Montty veste Bixa Costura, acessórios Tábompravocê e sapato Clube Melissa.



Oda Cairu usa Jorge Andrade, colar Tábompravocê e sapato Clube Melissa.



Isaque Castro usa Jorge Andrade, braceletes By Aninha e sapato Clube Melissa.



Jonas Gustavo veste Deco Sodré e sapato Clube Melissa.



Roman The Kuntty usa look Kriaçã1, colares Tábompravocê e sapato Clube Melissa.



Ednei William usa look Kriaçã1, acessórios By Aninha e sapato Clube Melissa.



Detalhe das costas do look Kriaçã1



Brendha Vila Verde veste Guilherme Almeida, brinco Tábompravocê e sapato Clube Melissa.



Major usa look Filipe Dias, colar By Aninha e sapato (acervo pessoal).



Julia Querino e Rafael Oliveira com looks da Nós Macramê, ela com brinco By Aninha. Sapato Clube Melissa.



Victor Hugo usa look Filipe Dias, colar By Aninha, e sapato Clube Melissa.



Jamilé Querino usa look Costa Ribeiro e sapato Clube Melissa.



Alesi Falcão veste Costa Ribeiro e sapato Clube Melissa.



Alice Vitória veste Christian Jonathas, brinco By Aninha e sapato Clube Melissa.



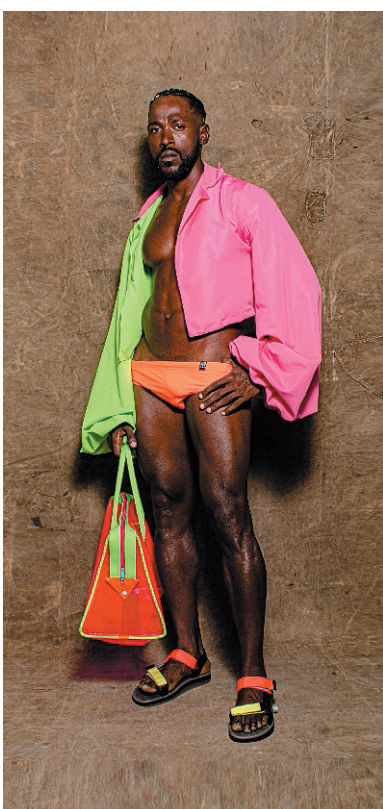
Fodé Fati veste Soudam e sapato Clube Melissa.



Xaê França usa Soudam, acessórios Tábompravocê e sapato Clube Melissa.



Tarcis Rocha usa Closet Clothing, bolsa de mão Ziê, bolsa tira-colo e sapato Clube Melissa.



Bruno Souza usa Closet Clothing, bolsa Ziê, bolsa tira-colo e sapato Clube Melissa.



Roque Senna veste Incid, colar By Aninha, bolsa Ziê e sapato Clube Melissa.

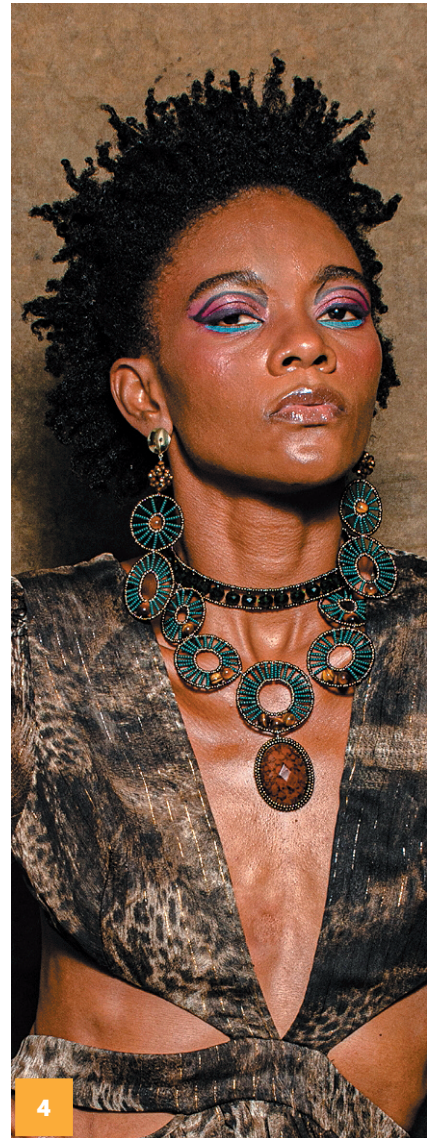
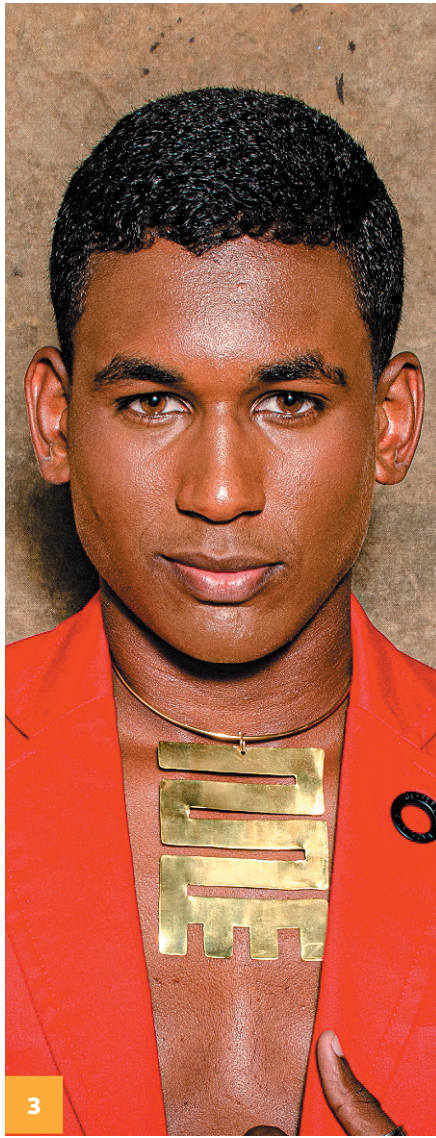


Renan Luz com look Incid, brinco By Aninha e sapato Clube Melissa.



Daíara Ferreira usa look Filipe Dias, brinco By Aninha e sapato Clube Melissa.

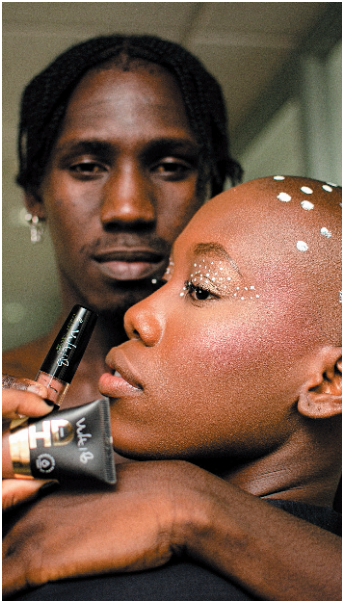
FOTOS DE LUCAS ASSIS



- 1 Tábompravocê
- 2 Dih Morais
- 3 By Aninha
- 4 Cravo & Canela
- 5 Clube Melissa
- 6 Fios de África
- 7 Kelba Deluxe
- 8 Ziê

ACESSÓRIOS





Todos os modelos foram maquiados com produtos Vult

PARCERIA PARA CELEBRAR

Vult assina beleza da maior passarela preta do país



O Afro Fashion Day (AFD) contou mais uma vez com o apoio de uma das maiores marcas de beleza do país, Vult, trazendo as principais tendências do mercado e celebrando o orgulho e tradição da beleza brasileira. O evento nasceu em 2015 com o objetivo de promover a moda afro-brasileira da Bahia por meio de palestras, ativações, feira de produtos, e o principal, um grande desfile reconhecido por inaugurar a primeira passarela preta do país.

A união de Vult com o evento representa a força da marca de unir a beleza ao propósito, criando uma ferramenta para ascensão social feminina.

“Somos a marca que celebra o orgulho da representatividade, da própria origem e das conquistas diárias das mulheres, acreditamos no empreendedorismo e em impulsionar iniciativas como o AFD, que incentiva a beleza regional, as produções baianas e valoriza a moda local, além de dar voz a criatividade, diversidade, arte e autoestima. Queremos cada vez mais fortalecer projetos como esse, que impulsionam grandes sonhos”, reforça Marcela de Masi, diretora de branding e comunicação do Grupo Boticário. Em 2023, a marca completou 19 anos acreditando que orgulho contagia e que expressar esse sentimento fortalece, inspira e é a melhor forma de desafiar o preconceito, abrir caminhos e ocupar espaços.

MÃE ÁFRICA

O grande tema do desfile foi Mãe África e a apresentação dividida em 3 blocos: Afro Realiza, Afro Etnia e Afro Futurismo. Ao todo foram apresentados 75 looks, que contaram com o styling de Fagner Bispo e Filipe Dias, além de mais de 40 marcas baianas que assinaram as peças desfiladas. Os modelos do evento foram selecionados em 14 agências de Salvador, além de outros 16 vencedores das seleções públicas.

Coordenado por Dino Neto e Roma Aragão, o time de beleza

do Afro Fashion Day em 2023 foi formado pelos maquiadores Erik de Moraes, Mirna Taila, Jade Alves, Jober Moura, Rose Brito e Mario Moraes, pelas manicures Maricelma Pereira e Ana Paula Reis; pelo hair stylist Rei Borges e assistente hair Bernard Menezes; e pelas manicures Ana Paula Reis e Maricelma Pereira. A equipe de tranças foi comandada por Grazielle Telles e Denise Melo e teve como profissionais Gabriela Stephanie e Laiane Moscoso, que contaram com a assistência de Michele Araujo. Camila Brito, Queila Santos, Vanessa Malvar e Elaine Santos foram voluntárias e ajudaram a fazer a cabeça dos modelos.

LANÇAMENTOS

Todos os modelos foram maquiados com produtos Vult desenvolvidos sob os melhores padrões de qualidade a preços acessíveis. A marca apresentou no evento os últimos lançamentos e trouxe a tecnologia Real Color, inovação desenvolvida após meses de estudos para garantir uma pigmentação de alta performance para diversos tipos e tons de pele, seguindo o conceito “cores reais para peles reais”, engrandecendo a temática da edição.

Entre os produtos que compuseram os looks dos modelos se destacam o Blush 3 em 1 Vult Fun Cereja Coradinha, o Iluminador 3 em 1 Vult Fun Dourado Radiante, o Gloss Labial Bronze Glossy Lips, o Gloss Labial In-color Glossy Lips, o Batom Líquido Matte Castanho Escuro Nano HD, a Paleta de Rosto Multifuncional Camila Loures, a Paleta de Sombras Camila Loures e o Vult Nano HD.

Vale destacar que a marca está oferecendo cupons com 15% off em compras acima de R\$ 69 e frete grátis com o código VULTNOAFD até 31 de dezembro no vult.com.br.

SOBRE A VULT

Vult é uma marca brasileira que nasceu em 2004. Com diversos pontos de venda e canais espalhados por todas as regiões do país, a marca prevê uma acelerada expansão e projeta dobrar de tamanho. Conta com um portfólio completo de produtos para maquiagem, cuidados pessoais, esmaltes, pincéis e acessórios. Antenada às grandes tendências, Vult é uma das líderes no mercado de beleza no Brasil, com produtos desenvolvidos sob os melhores padrões de qualidade e a preços acessíveis. Um dos propósitos da marca é potencializar a ascensão de mulheres brasileiras com o projeto 220 Vults, que capacita e leva a beleza como instrumento de emancipação econômica para as mulheres periféricas. Desde 2018, Vult passou a integrar o portfólio de marcas consagradas do Grupo Boticário, um dos dez maiores varejistas do Brasil.

O Afro Fashion Day é um projeto do jornal Correio com patrocínio da Vult.

É ORGULHO QUE FALA?

Parentes, amigos ou simples curiosos que se encantaram pela passarela mais negra do Brasil

Luiza Gonçalves

REPORTAGEM

lgoncalves@redebahia.com.br

A atmosfera era de grande expectativa para quem aguardava os mais de 70 modelos que roubaram a cena no Afro Fashion Day 2023, com toda elegância, beleza e ancestralidade da Mãe África. A cada entrada na passarela e já se ouvia a gritaria, elogios e palavras de incentivo. Câmeras para todos os lados e olhares atentos que não perdiam um look.

Familiares e amigos sorriam ao ver os rostos amados entrarem em cena e formavam uma torcida organizada, empenhada ao máximo para demonstrar apoio. Muitos curiosos, atraídos pelo desfile de moda a céu aberto, dançavam contagiados pelo som do DJ Telefunksoul e aplaudiam entusiasmados.

Foi o caso da família Souza, que assistiu a um desfile de moda pela primeira vez. Marialita e Gutemberg foram acompanhar a filha Ana Carla Souza. “Ela é apaixonada por moda e acompanha tudo deste universo. Então, viemos passear em família”, afirmou Marialita.

“Um evento que traz a importância da afirmação. Esse é um momento positivo, da gente colocar uma outra versão da nossa história, da relevância do continente africano e do povo negro”, ponderou Andaraí, que estava acompanhada da amiga Maria da Purificação. Ela disse que sempre teve curiosidade de ir ao AFD e que finalmente pode concretizar o desejo.

Na plateia, Gabriela Silva também foi ao AFD movida pela proposta de celebração da negritude através da moda: “Um evento que representa a minha identidade, nesse local [Pelourinho] que é palco da história e que tem muita representatividade para nós. Eu fico deslumbrada com essa forma de afirmação dos negros envolvidos com moda e empreendedorismo”.

Para as famílias e amigos dos modelos, os sentimentos eram sempre os mesmos: ansiedade, expectativa e muito orgulho. Num fileira bem próxima à passarela estavam três senhoras muito simpáticas: Auda, Mariusa e Lígia. Elas foram assistir Alexia Bairon, que atua como modelo há 20 anos. “Eu fico emocionada e desejo muita sorte para minha filha. Todo desfile é a mesma emoção, ainda mais nesse, que é aqui em Salvador, onde posso vir mesmo com essa dificuldade [aponta para as muletas]. Minha expectativa da passarela? Vou fazer um barulho, tô aqui para isso”, revelou Auda.

Jandiara é mãe da modelo Giselle Cristine, que fez sua segunda participação no AFD. Acompanhada de outros familiares, destacou o momento como uma vitória: “Me sinto realizada, ver ela galgar o sonho dela é maravilhoso”. Julie Miranda, esposa do modelo Caio Bôças, concorda: “Esse

“Eu fico emocionada e desejo muita sorte para minha filha. Minha expectativa da passarela? Vou fazer um barulho, tô aqui para isso” **Auda**

mãe da modelo Alexia Bairon

“Me sinto a avó mais orgulhosa do mundo porque estou vendo minha neta representando nossa raça, nesse mês de tantas recordações do nosso passado sofrido, mas também de grandes afirmações da nossa luta” **Maria da Purificação**

avó da modelo Lara Sofia



Grupos de amigos e familiares fizeram a festa na torcida pela beleza negra na nona edição do Afro Fashion Day, que aconteceu no dia 25

desfile é uma conquista muito grande, tanto para ele quanto para os outros modelos. Hoje, eles estão aqui ganhando a passarela e o mundo”.

“Me sinto a avó mais orgulhosa do mundo porque estou vendo minha neta representando nossa raça, nesse mês tão extraordinário, de tantas recordações do nosso passado sofrido, mas também de grandes afirmações da nossa luta”, festejou Maria da Purificação, avó da modelo Lara Sofia.



Auda, Mariusa e Lígia: um trio de beldades sorridentes na plateia

A MODA AFRO DECOLA

O Salvador Bahia Airport apoia o Afro Fashion Day e tudo que ele representa. Diversidade, ancestralidade, cultura, história e a busca por reparação histórica.

SALVADOR BAHIA AIRPORT
Powered by VINCI



NOVEMBRO SALVADOR CAPITAL AFRO

OCUPAMOS, MOVIMENTAMOS E PROTAGONIZAMOS.

A cidade mais negra fora da África celebrou as raízes com um inédito calendário de eventos que mostrou a potência da nossa cor. Exaltamos a ancestralidade, valorizamos as manifestações culturais, promovemos o afroturismo, incentivamos o empreendedorismo negro e movimentamos a economia.

Novembro já terminou, mas Salvador continua sendo, com muito orgulho, a Capital Afro do Brasil.



SALVADOR
PREFEITURA

#PraTodosVerem: Imagem vertical, com fundo ondulado em tons de amarelo e laranja. No lado direito da arte, temos ilustrações de duas pessoas negras tocando instrumentos de percussão. No topo do anúncio, temos a marca "Novembro Salvador Capital Afro" na cor preta. Embaixo, também na cor preta, temos o título: "Ocupamos, movimentamos e protagonizamos". Em seguida, do lado esquerdo das pessoas, vem o texto na cor preta: "A cidade mais negra fora da África celebrou as raízes com um inédito calendário de eventos que mostrou a potência da nossa cor. Exaltamos a ancestralidade, valorizamos as manifestações culturais, promovemos o afroturismo, incentivamos o empreendedorismo negro e movimentamos a economia. Novembro já terminou, mas Salvador continua sendo, com muito orgulho, a Capital Afro do Brasil". Assinando o anúncio, temos a marca oficial de turismo da cidade e a marca da Prefeitura de Salvador.

FOTOS DE ARISSON MARINHO E LUCAS ASSIS



Vestido em viscose desfilado pela modelo Maiara Amorim no AFD

DIÁLOGO COM O FUTURO

Parceria entre AFD e Bracell traz sustentabilidade para passarela com tecido inovador

Victor Lahiri

REPORTAGEM

victor.lahiri@redebahia.com.br

Nos últimos anos, os conceitos de sustentabilidade passaram a ter uma presença cada vez mais forte nas passarelas de desfiles de moda por todo o mundo e no Afro Fashion Day não poderia ser diferente. Com ações sustentáveis em cada uma das suas edições, o evento deste ano contou com um look especial, feito de viscose, em parceria com a Bracell, empresa líder na produção da celulose solúvel. A base utilizada na produção do tecido vem de eucaliptos cultivados de modo sustentável em cerca de 38 municípios baianos. A viscose é uma fibra fabricada a partir de cavacos de madeira de árvores pouco resinosas ou do linter da semente do algodão, matéria prima natural biodegradável pode ser encontrada em diversos itens de uso diário, como papel, produtos de higiene pessoal e alimentos. Na moda, o tecido é altamente versátil e leve, sendo usado para produzir roupas de caimento suave e elegante. Sua natureza fluida confere movimento gracioso às peças, proporcionando um toque delicado e confortável. Idealizado e produzido pelo artista plástico e curador de moda do Afro Fashion Day, Fagner Bispo, e pelo stylist Filipe Dias, ambos estilistas, o vestido integrou o bloco Realeza do desfile. Segundo Fagner, o processo criativo envolveu pensar na contribuição com o meio ambiente através do reuso. “Escolhemos a viscose por ser produzida com uma das matérias primas que a Bracell fornece e acho importante a empresa ter essa proposta de trazer a sustentabilidade para a passarela”, afirmou Fagner. “Infelizmente, a moda segue sendo uma das indústrias que mais poluem no mundo. Então temos que ter a consciência de reaproveitamento da matéria prima, justamente para contribuir com o meio ambiente e o bem-estar das próximas gerações”, completou.

PRODUÇÃO

Anualmente, a Bracell gera 500 mil toneladas de celulose solúvel, sendo 110 mil destinadas à produção do tecido na China. A fábrica está localizada no Polo Industrial de Camaçari, na Região Metropolitana de Salvador, de onde a matéria prima é destinada às indústrias de viscose e outros produtos, como medicamentos, cosméticos, telas de computador, alimentos, filtros de cigarros e pneus.

De acordo com a gerente de Comunicação Bracell na Bahia, Cintia Liberato, a missão da empresa dialoga diretamente com o Afro Fashion Day através da proposta de diversidade e sustentabilidade. “Um projeto como o AFD oferece novas oportunidades de colaboração, inovação e parceria de negócios. Celebramos a nossa matéria prima num evento com potencial para influenciar pessoas negras a sentirem orgulho de ser quem são, reconhecerem sua força, potência, empreendedorismo e beleza indiscutíveis”, disse.

“Para nós da Bracell foi um prazer poder participar de um projeto tão bonito e, ao mesmo tempo, fazer algo tão diferente para demonstrar como estamos presentes no dia a dia das pessoas com a matéria prima que produzimos na Bahia de forma sustentável”, comentou.

“Celebramos a nossa matéria prima num evento com potencial para influenciar pessoas negras a sentirem orgulho de ser quem são”

Cintia Liberato

Gerente de Comunicação Bracell na Bahia





ENCONTRO DE VÁRIAS GERAÇÕES NA PASSARELA

Modelos mais ou menos experientes viveram momentos de equidade e conagração no AFD 2023

Luiza Gonçalves

REPORTAGEM

lgoncalves@redabahia.com.br

“Não me sinto intimidada. Eu tenho muita confiança e estamos em cargos iguais, todos nós estamos aqui para desfilarmos”. A colocação é de Eduarda Santos, 14, dona de uma autoestima cativante, digna do Afro Realeza, primeiro bloco do Afro Fashion Day 2023, onde ela desfilou pela primeira vez. Eduarda contou que todo processo foi de muita novidade,

principalmente na participação do vídeo campanha de divulgação do evento, que rendeu comentários na escola e até de estranhos: “Tudo muito legal. A interação está sendo massa, não tem esse negócio de competitividade entre os modelos. Está todo mundo em sintonia”.

Neste ano, o AFD recebeu 288 inscritos de 15 agências baianas e 550 candidatos das etapas de bairro, resultando

1 Eduarda Santos tem 14 anos, desfilou pela primeira vez no AFD e se sentiu em pé de igualdade com os demais modelos
2 Jussy Gualberto tem 46 anos e não esperada ‘virar’ modelo da noite pro dia
3 Kaio Cardeal é aluno de Jussy no projeto que ela tem no Calabar



1



2



3



rocha

CELEBRAMOS A RIQUEZA E A BELEZA DA DIVERSIDADE MUITO ALEM DAS PASSARELAS.

Uma homenagem ao Dia da Consciência Negra.



num desfile de múltiplas negritudes, plural em corpos, gerações, identidades de gênero e experiências. Essa diversidade foi um dos atrativos para Roque Sena, 39, modelo há 17. “Participar de um movimento onde tem pessoas jovens, diferentes, novas no mercado ou que têm uma carreira mais longa é uma experiência que só tem a agregar. A moda está se transformando, eu posso dividir um pouco do que ela vem sendo até aqui e aprender como será daqui para frente” explicou.

Para Jussy Gualberto, 46, o AFD a desafiou a sair do lugar. Líder do Projeto Meraki, voltado à moda do Calabar, ela foi para a seletiva de bairros acompanhar 10 alunas e acabou sendo selecionada: “Um aprendizado que não tenho palavras. Estou aqui não só por mim, mas por todas elas. Não é só se empoderar, mas empoderar eles também.” Um de seus alunos é Kaio Cardeal, que também desfilou pela primeira vez no AFD: “Hoje eu me sinto o top dos tops”.

Um desfile sobre identidade negra baiana e retorno às origens. Na plateia, o público curioso para saber como seria essa “Mãe África”. No backstage, a expectativa do reencontro era compartilhada. Oda Cairu, 23, ressaltava que, mesmo tendo desfilado na SPFW, há algo que a comove

“Não me sinto intimidada. Eu tenho muita confiança e estamos em cargos iguais, todos nós estamos aqui para desfilarmos” **Eduarda Santos**

modelo, 14 anos

“Participar de um movimento onde tem pessoas jovens, diferentes, novas no mercado ou que tem uma carreira mais longa na passarela é uma experiência que só tem a agregar” **Roque Sena**

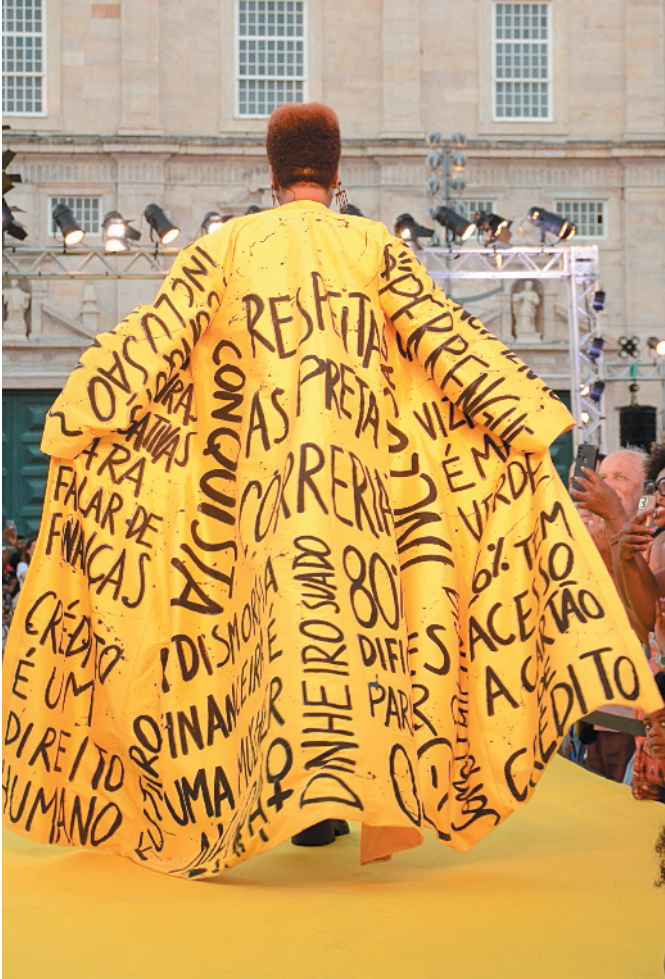
modelo, 39 anos

mais em Salvador: “Aqui eu consigo me conectar com minha ancestralidade, me espelhar e me sentir parte de algo. Então, sempre saio com a sensação de ‘fiz no coletivo’, sabe? Comunguei com todo mundo, fico muito feliz”.

E a ansiedade passa? Segundo Alesi Falcão, 27, o sentimento sempre está presente. Descoberto no AFD 2020, o pescador de Encarnação de Salinas agora ganha passarelas nacionais e em 2024 estreia em Milão: “Sempre dá aquele frio na barriga, mesmo quando já temos uma bagagem a mais. Me sinto realizado toda vez que estou no Afro”.



LUCAS ASSIS/DIVULGAÇÃO



A MC Áurea Semiseria desfilou look feito sob medida para destacar resultados do estudo do will Bank sobre dismorfia financeira; roupa destaca palavras presentes na pesquisa

RECADO DADO

Com performance de Áurea Semiseria, will Bank traz debate sobre dismorfia financeira para a passarela mais preta do Brasil



Durante a tarde de desfile do Afro Fashion Day, no último sábado (25), um termo desconhecido para muitas pessoas ressoou pela voz da MC Áurea Semiseria: dismorfia financeira. A nomenclatura, que remete a uma distorção da percepção em relação ao dinheiro e os impactos emocionais que isso tem em nossa vida, foi objeto de um estudo realizado pelo will Bank, parceiro do Jornal CORREIO no evento. A constatação de que 80% das mulheres pretas e pardas da classe DE relatam dificuldades financeiras para fechar o mês, enquanto 60% dos homens brancos da classe AB1 conseguem comprar tudo que querem – e destes, 30% ainda poupam para o futuro, estampou também o look da MC Áurea, criado pelo estilista, artista plástico e curador de moda do Afro Fashion Day, Fagner Bispo. Os dados do tema ainda serviram como base para um rap inédito da MC,

criado para uma apresentação especial durante o desfile. Para a head de relações com a sociedade do will Bank, Ana Coelho, apoiar e participar ativamente do Afro Fashion Day é fundamental para alcançar mais pessoas, ampliando o debate sobre a relação da população com as finanças em um evento onde a missão social está no DNA. “No will a gente acredita que o crédito é um direito humano, então quando a gente faz essa pesquisa para mostrar os impactos emocionais da relação que os brasileiros têm com o dinheiro, queremos mostrar para todos e todas que podem ser protagonistas da vida financeira”, disse. “Ao vir para um espaço como esse, na Bahia, onde está a maioria dos nossos clientes, para discutir moda e comportamento em um mês tão importante, colocamos informação na passarela e incentivamos as pessoas a conversarem sobre dinheiro, para que isso deixe de ser um tabu”, completou.

LOOK

O look criado por Fagner foi composto por um macacão amarelo e um longo quimono. Nas costas da segunda peça, foram costuradas a mão dados do estudo do will Bank em meio à letra do rap criado por Áurea exclusivamente para o evento, em especial, o refrão que trazia a impactante expressão de ordem: então respeita as preta correria. “Entre as frases que chamam mais atenção está a que diz que os negros têm menos acesso ao crédito. Trazer esse debate sobre questões sociais sempre foi uma premissa do AFD, democratizando a moda através de corpos dife-

rentes, marcas que não estão sob os holofotes e visibilizando questões importantes”, declarou Bispo. A MC exaltou a iniciativa e elogiou o figurino. “De início, fiquei um pouco retraída pois nunca desfilei, apesar de sempre ter tido esse sonho, mas quando Fagner me apresentou o croqui, eu soube que ia me sentir confortável e depois que vi pronto, fiquei maravilhada, pois amarelo é uma cor que amo”, afirmou. “E o propósito de ampliar o debate sobre a dismorfia financeira, com o estudo do will Bank, é uma iniciativa excepcional, pois eu lido com a moda como um ato político, um ato de resistência”, destacou. Saiba mais sobre o estudo do will Bank em www.will-bank.com.br/dismorfiafinanceira e nas redes sociais do banco digital, como o Instagram: @eusouwillbank. O Afro Fashion Day é um projeto do jornal Correio com patrocínio do will Bank.

Colocar informação nessa passarela e fazer as pessoas conversarem sobre isso é importante para que o dinheiro deixe de ser um tabu
Ana Coelho

CONFIRA A LETRA DA MÚSICA:

DISMORFIA FINANCEIRA WILL BANK – MC ÁUREA

7 a cada 10 dizem não se sentem bem
68 de 100 mostram o que na verdade não tem
Não tô aqui pra julgar quando a mente não tá bem
O dinheiro é seu, cê faz o que quiser, meu bem
Somos reis e rainhas nessa selva de pedra
Um abraço, copo d'água, já te disse, não se nega
Posso te mostrar gráficos e vários números
Quando o mês fecha é só você, então são só números
Consciência financeira é um direito nosso
Essa dismorfia financeira não é páreo para os nossos
Informação, noção e inclusão te mostram
Quando a coisa aperta e não dá pra gritar o próximo
Então respeita as preta correria
Que trabalha noite e dia pra criar sua cria
Se a conta não bate, corre atrás e não desiste
Mostra pra eles que com nosso povo não se brinca (2x)
[leitura de dados]
7 em cada 10 pessoas não usam palavras positivas para descrever a sua vida financeira
90% dos brasileiros não conseguem comprar o que precisam e não contam com reservas para planos futuros
9,6% das pessoas pretas sentem tristeza ao lidar com dinheiro. Em contraste, 17% dos brancos sentem gratidão
Lembra de quando queria e o que tem agora
Tudo o que cê ganha é suado e não esmola
Todo o perrengue que se passou não é em vão
Cada dia é uma luta pra sua evolução
Grana não trás felicidade, mas manda buscar
Quando o mês aperta, faz o corre pra se virar
De grão em grão a galinha enche o papo
Nosso corre é sagrado, não vou voltar para o passado
Então respeita as preta correria
Que trabalha noite e dia pra criar sua cria
Se a conta não bate, corre atrás e não desiste
Mostra pra eles que com nosso povo não se brinca (2x)



ARTE A PARTIR DA DOR

Estilistas criam looks inspirados por quimioterapia e elementos hospitalares

Estilista Silverino Ojú com traje da Coleção Sutura e a Cura



talou-se o primeiro curso de medicina do Brasil. “Este ano foi de muitas vitórias. Acabei de passar pela quimioterapia e, logo em seguida, comecei a confeccionar as peças que já estavam desenhadas durante meu tratamento”, conta Farias, que recebeu o diagnóstico de câncer de pele no início de 2022.

Tudo começou quando ele percebeu uma mancha marrom no braço. Ele destaca que fazer a coleção para o evento foi um remédio adicional, pois as peças confeccionadas significam etapas vencidas. “Cada gota dourada nas peças representava um dia de qui-

mioterapia e também simbolizava cada exame de sangue realizado para monitorar meu estado de saúde”, diz.

Já Silverino Ojú convive há cerca de 28 anos com complicações decorrentes de uma fratura espontânea, ou fratura patológica, enquanto caminhava no Corredor da Vitória. Por conta da lesão, ele precisou colocar uma prótese total no quadril quando tinha 19 anos. Desde então, outros problemas surgiram, como a osteólise, que é uma redução da massa óssea, solturas, luxações e osteomielite, um tipo de inflamação do osso.

Os procedimentos médi-

cos ao qual foi submetido, como as mais de 10 cirurgias, e as consequências sentidas pelo seu corpo tornaram-se inspiração para o primeiro protótipo da coleção ‘A Sutura e a Cura’, apresentado na 9ª edição do Afro Fashion Day, que ocorreu no último sábado (25). O look tem como tecido principal a bandagem ou atadura hospitalar. As faixas do material foram transformadas em babados, aplicados um a um no forro da saia.

“Foi um desafio conciliar com a fisioterapia, retomar a modelagem e costura e trabalhar com as ataduras”, explica Ojú.

Lucas Leal e Jorge Gauthier

REPORTAGEM

redacao@correio24horas.com.br

Entre as combinações de cores, tecidos, acessórios e texturas, a moda é uma forma de expressão da identidade e de contar histórias. No Afro Fashion Day 2023, os looks criados pelos estilistas Mário Farias e Silverino Ojú traduziram suas próprias lutas pela vida e saúde na passarela montada no Terreiro de Jesus, no Centro Histórico de Salvador, local onde ins-

Celebre a beleza da transformação

A Bracell é patrocinadora da 9ª edição do Afro Fashion Day e celebra o sucesso deste projeto desfilando um look feito em viscose, tecido perfeito para o calor do verão baiano.

A matéria-prima para a produção da viscose é a celulose solúvel produzida a partir dos eucaliptos cultivados de modo sustentável pela Bracell.

Para conhecer mais sobre o uso da celulose em diversos produtos que fazem parte do seu dia a dia, acesse:



www.bracell.com



SomosBracell



company/bracell



SomosBracell



Bracell

Bracell



MÚLTIPLAS ÁFRICAS

Ocidentais acham que tudo é a mesma coisa no continente africano; veja como é plural o berço da humanidade

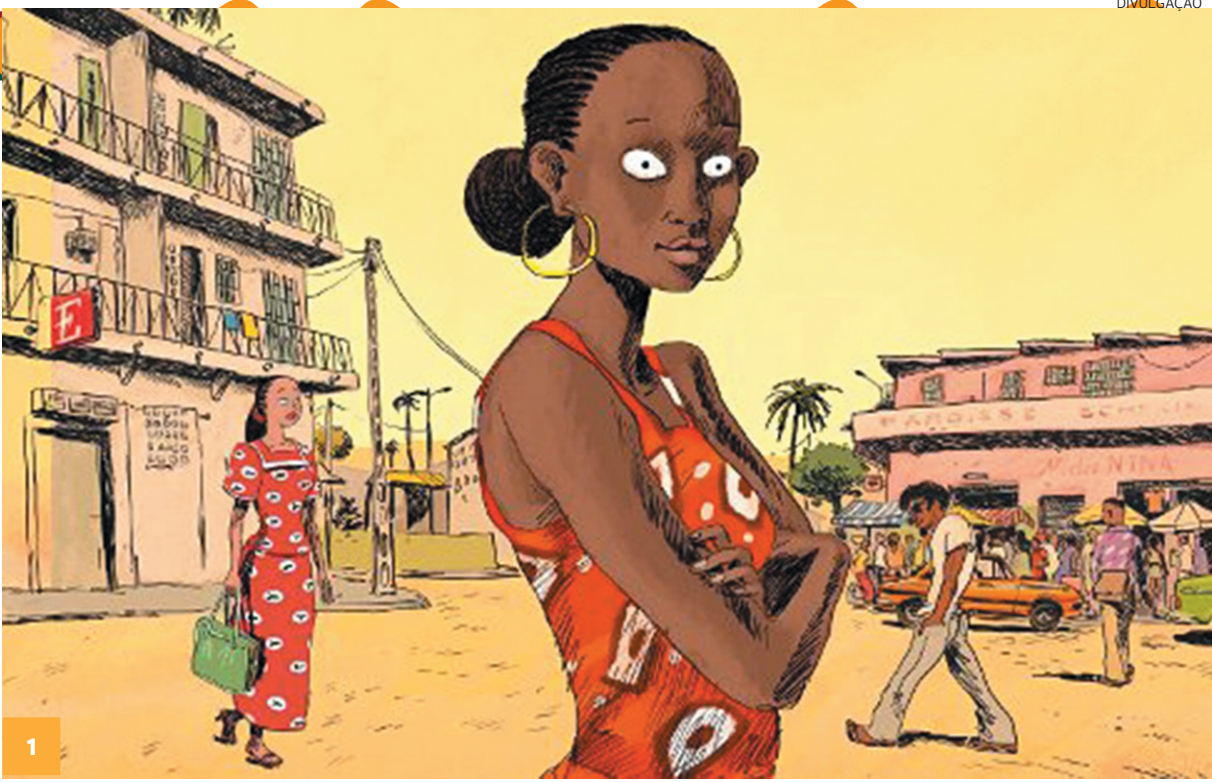
Luiza Gonçalves
REPORTAGEM
lgoncalves@redabahia.com.br

A África é o segundo continente mais populoso da Terra, com aproximadamente um bilhão de pessoas, cerca de um sétimo da população mundial, alocada em 54 países. Sua história é rica e complexa, marcada por diferentes períodos históricos, e dela resultaram as diásporas que se estendem pelo mundo e influenciam na formação e cultura de muitos países do planeta, incluindo o Brasil.

Mas, ainda existe uma noção meio vaga a respeito das distintas culturas que formam esse conjunto de africanidades. E mesmo que isso já não seja mais admissível, a tendência permanece sendo colocar tudo num grande balaio ao pensar numa África uniforme, dona de uma única cultura, e não nas múltiplas partes que a compõem.

Essa reportagem tem como objetivo apresentar uma mostra, ainda que pequena, da diversidade do continente africano apresentando alguns elementos populacionais, geográficos e culturais de seus países.

Considere como um primeiro mergulho num oceano de referências, potências, semelhanças e diferenças que juntas formam o berço da humanidade.



O CONTINENTE É DIVIDIDO NAS REGIÕES:

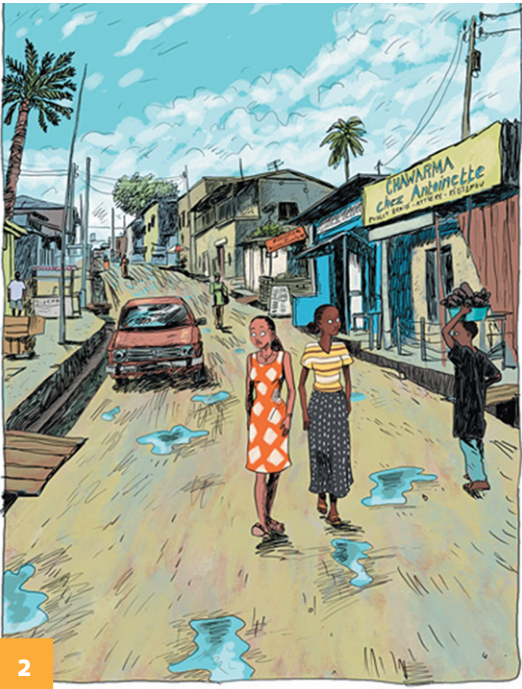
- **África Setentrional:** Egito, Líbia, Tunísia, Argélia e Marrocos
- **África Ocidental:** Burkina Faso, Benin, Togo, Gana, Costa do Marfim, Libéria, Serra Leoa, Guiné, Guiné-Bissau, Senegal, Cabo Verde e Gâmbia
- **África Central:** Chade, Camarões, República Centro-Africana, Guiné Equatorial, Gabão, São Tomé e Príncipe, Congo, República Democrática do Congo e Angola
- **África Oriental:** Eritreia, Djibuti, Sudão do Sul, Etiópia, Somália, Quênia, Uganda, Ruanda, Tanzânia, Burundi, Seychelles, Comodoro, Malawi, Zâmbia, Zimbábue, Moçambique, Ilhas Maurícias e Madagascar
- **África Meridional:** Namíbia, Botswana, África do Sul, Lesoto e Essuatíni (antiga Suazilândia)

GEOGRAFIA

- Na sua geografia o continente africano é múltiplo em climas, biodiversidade e até mesmo nos fuso-horários. O clima desértico do Saara ou tropical das savanas são os mais lembrados, porém é possível até nevar no inverno como nas regiões montanhosas do Marrocos. Com flora diversificada, o continente africano também é marcado por áreas protegidas, como o Parque Nacional Serengeti, na Tanzânia, o Parque Nacional Kruger, na África do Sul e o Parque Nacional de Virunga, no Congo.

CULINÁRIA

- Muitos elementos da culinária africana fazem parte do nosso repertório baiano, como azeite de dendê, quiabo, raízes como mandioca e inhame, pimentas, peixes e especiarias. No continente há o consumo também de carnes de caça, como javali e antilope. Há grande procura por frutos do mar diversos nas regiões costeiras e insulares, e o consumo de peixes de rio como bagre. Nos países de população muçulmana o consumo é de carne Hallal. Descartam uso de nozes, grãos, castanhas e flores, como na bebida Degué, que é uma mistura de iogurte com grãos de Mils e do Bissau, e suco de hibisco com noz moscada, água de flor de laranja e outros ingredientes, ambas do oeste africano. Cuscuz, legumes, carne de cordeiro e frutas secas são típicas do norte africano. Um exemplo é o Koshari, refeição egípcia vegetariana de arroz, lentilhas, macarrão, alho e grão de bico, reunidos por um molho de tomate picante e recheados com cebola frita.



CULTURA

- A história das artes é atravessada pela influência africana que vem da antiguidade, nas esculturas em bronze do Reino de Benin, pinturas religiosas nas igrejas de Lalibela e as tecelagem de tapetes berberes com padrões tradicionais. Na atualidade, a efervescência cultural se manifesta na música, em ritmos como o afrobeat, benga, kizomba, tuareg blues. No cinema, destaque para indústrias como Nollywood, ou eventos como Festival Panafricano de Cinema e Televisão de Ouagadougou, em Burkina Faso. Na literatura, destaque para nomes como Wole Soyinka, Chimamanda Ngozi Adichie, Nawal El Saadawi e Paulina Chiziane.

BERÇO DA CIVILIZAÇÃO

- A história do continente é protagonizada por grandes civilizações que contribuíram significativamente para o desenvolvimento cultural, científico, social, econômico e político mundial. O Egito, uma das civilizações mais antigas da humanidade, contribuiu na arquitetura, medicina matemática e astronomia. O Império Mali foi uma potência comercial e cultural nos séculos XIII e XIV. Em seu território, a cidade de Timbuktu era um importante centro de aprendizado e seu 10º imperador Mansa Musa, o homem mais rico de toda a história, foi fundamental para o comércio transaariano. O conhecimento das civilizações antigas reflete na presença de grandes intelectuais na atualidade, como Cheikh Anta Diop e Valentin Mudimbe. Além disso, líderes como Nelson Mandela e Samora Machel marcaram o continente por sua luta contra o colonialismo e o apartheid.



LÍNGUAS

- Estima-se que haja de 1.250 a 2.000 línguas diferentes na África, fruto da diversidade grupos étnicos e comunidades linguisticamente distintas. O Congo é conhecido por ser o país com a maior diversidade, com 200 línguas sendo a mais popular o Suaili. Já o árabe é falado em países como Egito, Argélia, Marrocos, Sudão e Tunísia. Veja outras línguas faladas:
- **Hausa:** Nigéria e em países vizinhos
- **Iorubá:** Nigéria, Benin e Togo
- **Zulu:** África do Sul
- **Amárico:** Etiópia.
- **Xhosa:** África do Sul
- **Francês:** Senegal, Mali, Costa do Marfim, Burkina Faso, Níger, Togo, Benin, Guiné, Mauritânia, Mali, Chade, Camarões, Gabão, Congo, Argélia, Marrocos
- **Português:** Angola, Moçambique, Cabo Verde, Guiné-Bissau
- **Espanhol:** Guiné Equatorial
- **Inglês:** Nigéria, Gana, Quênia, África do Sul, Uganda, Zimbábue, Malawi, Zâmbia, Libéria, Serra Leoa, Botsuana e Essuatíni

RELIGIÕES

- A África abriga uma ampla variedade de crenças e tradições espirituais, porém o islamismo aparece como a religião mais praticada no continente. Países como Egito, Nigéria, Argélia, Sudão e Marrocos têm populações muçulmanas consideráveis. Dentre as crenças tradicionais africanas, as de tradição ashanti (Gana), yoruba (Nigéria, Benin, Togo) e akam (Gana, Costa do Marfim) se destacam. O cristianismo é praticado em muitas partes da África, com denominações que incluem catolicismo, protestantismo e ortodoxia etíope. Também podem ser encontrados: hinduísmo e sikhismo, como na Ilha Maurício, e judaísmo, a exemplo da comunidade judaica na Etiópia, que é conhecida como Beta Israel.

TECNOLOGIA

- Até janeiro de 2022, a Nigéria, África do Sul, Egito, Argélia, Marrocos, Quênia, Angola e Gana detinham os maiores PIBs do continente, a partir de atividades econômicas em setores como petróleo, gás natural, mineração, agricultura, serviços, indústria e turismo. O desenvolvimento da tecnologia na África tem sido um tópico crescente nos últimos anos, com muitos países do continente experimentando avanços notáveis em diversas áreas, principalmente em: telecomunicações e conectividade, energias renováveis, tecnologia agrícola e empreendedorismo.

PAÍSES

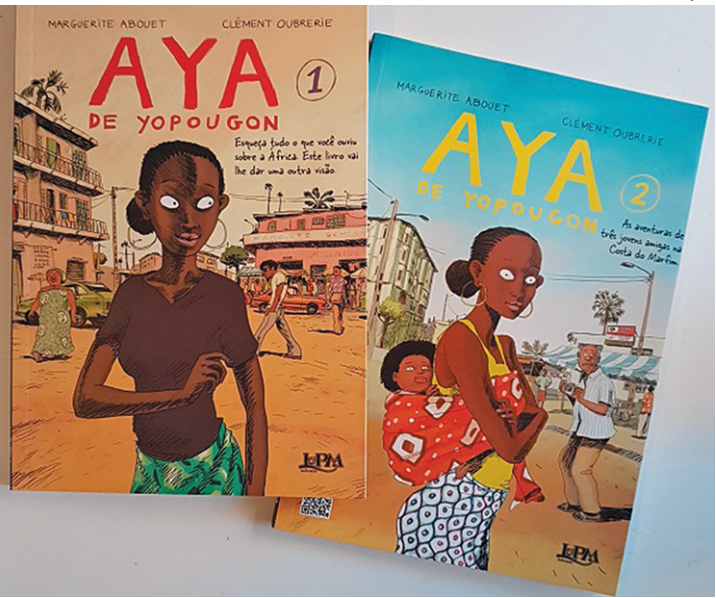
- Ao todo são 54, sendo 48 continentais e 6 insulares, configurados nessa divisão a partir dos processos de independência das décadas de 50 e 60. O primeiro país a obter a sua independência no continente foi o Sudão em 1957, enquanto o último foi Sudão do Sul, em 2011. Em extensão territorial o maior país é a Argélia, com o total de 2,38 milhões de quilômetros, e o menor deles é a Gâmbia, com 10.689 quilômetros quadrados. Já em população, o primeiro país é a Nigéria, com mais de 200 milhões de habitantes, e o último é Lesoto, possuindo 2,1 milhões de pessoas.

Série de HQs mostra outras facetas da África que nos acostumamos a ver

Não é fácil ser o jovem. No Brasil ou na Costa do Marfim. Nessa fase da vida, todos temos os mesmos questionamentos, as mesmas convicções, os mesmos sonhos. É o que se constata na série de HQs Aya de Yopougon (no Brasil foram lançados pela L&PM três dos seis volumes originais) criada pela autora da Costa do Marfim, Marguerite About e pelo seu companheiro, o ilustrador Clément Oubrerie.

A série narra a vida cotidiana de Aya e suas amigas, que acabam de sair da adolescência, no final da década de 1970. A história se passa em Yopougon, um bairro popular de Abidjan, na Costa do Marfim, e acompanha os eventos da vida adulta, seus sonhos, percalços e decisões no dia a dia de uma comunidade animada e diversa.

A história de Aya e suas amigas aborda questões como relacionamentos, amizades, aspirações profissionais, desafios familiares e o papel da mulher na sociedade e cultura daquele país. Aya de Yopougon não apenas proporciona uma experiência de leitura



Aya de Yopougon tem seis livros, mas no Brasil só chegaram três

agradável, mas também contribui para a diversidade e representação na literatura de quadrinhos ao trazer à tona histórias africanas autênticas, que muitas vezes são sub-representadas.

Numa das entrevistas que concedeu, Marguerite About disse que “fala-se muito sobre como os africanos morrem, mas nunca sobre como eles vivem”. Por isso, sua obra é tão bacana de ler. Mostra uma realidade que passa longe do folclore, do preconceito e do falso primitivismo com que o mundo ocidental trata o continente africano. Marguerite e Clément ganharam o prêmio de melhor estreia no prestigiado Festival de Angoulême, o mais importante do universo HQ.

Aqui é a maior

economia

pertinho de você.

Preço baixo e variedade.

Tudo para você que precisa abastecer o seu comércio ou a sua casa.

Lojas em: Salvador • Teixeira de Freitas • Eunápolis • Vitória da Conquista • Ilhéus • Barreiras • Valença • Santo Antônio de Jesus • Irecê • Lauro de Freitas • Simões Filho • Camaçari • Feira de Santana • Alagoinhas • Juazeiro



LÍNGUAS

● Estima-se que haja de 1.250 a 2.000 línguas diferentes na África, fruto da diversidade grupos étnicos e comunidades linguisticamente distintas. O Congo é conhecido por ser o país com a maior diversidade, com 200 línguas sendo a mais popular o Suaili. Já o árabe é falado em países como Egito, Argélia, Marrocos, Sudão e Tunísia. Veja outras línguas faladas:

● **Hausa:** Nigéria e em países vizinhos

● **Iorubá:** Nigéria, Benin e Togo

● **Zulu:** África do Sul

● **Amárico:** Etiópia.

● **Xhosa:** África do Sul

● **Francês:** Senegal, Mali, Costa do Marfim, Burkina Faso, Níger, Togo, Benin, Guiné, Mauritânia, Mali, Chade, Camarões, Gabão, Congo, Argélia, Marrocos

● **Português:** Angola, Moçambique, Cabo Verde, Guiné-Bissau

● **Espanhol:** Guiné Equatorial

● **Inglês:** Nigéria, Gana, Quênia, África do Sul, Uganda, Zimbábue, Malawi, Zâmbia, Libéria, Serra Leoa, Botsuana e Essuatíni

RELIGIÕES

● A África abriga uma ampla variedade de crenças e tradições espirituais, porém o islamismo aparece como a religião mais praticada no continente. Países como Egito, Nigéria, Argélia, Sudão e Marrocos têm populações muçulmanas consideráveis. Dentre as crenças tradicionais africanas, as de tradição ashanti (Gana), yoruba (Nigéria, Benin, Togo) e akan (Gana, Costa do Marfim) se destacam. O cristianismo é praticado em muitas partes da África, com denominações que incluem catolicismo, protestantismo e ortodoxia etíope. Também podem ser encontrados: hinduísmo e sikhismo, como na Ilha Maurício, e judaísmo, a exemplo da comunidade judaica na Etiópia, que é conhecida como Beta Israel.

TECNOLOGIA

● Até janeiro de 2022, a Nigéria, África do Sul, Egito, Argélia, Marrocos, Quênia, Angola e Gana detinham os maiores PIBs do continente, a partir de atividades econômicas em setores como petróleo, gás natural, mineração, agricultura, serviços, indústria e turismo. O desenvolvimento da tecnologia na África tem sido um tópico crescente nos últimos anos, com muitos países do continente experimentando avanços notáveis em diversas áreas, principalmente em: telecomunicações e conectividade, energias renováveis, tecnologia agrícola e empreendedorismo.

PAÍSES

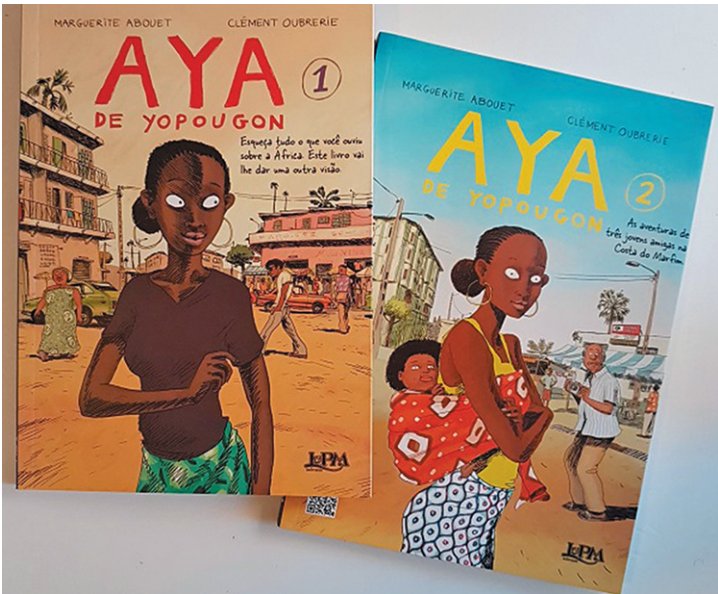
● Ao todo são 54, sendo 48 continentais e 6 insulares, configurados nessa divisão a partir dos processos de independência das décadas de 50 e 60. O primeiro país a obter a sua independência no continente foi o Sudão em 1957, enquanto o último foi Sudão do Sul, em 2011. Em extensão territorial o maior país é a Argélia, com o total de 2,38 milhões de quilômetros, e o menor deles é a Gâmbia, com 10.689 quilômetros quadrados. Já em população, o primeiro país é a Nigéria, com mais de 200 milhões de habitantes, e o último é Lesoto, possuindo 2,1 milhões de pessoas.

Série de HQs mostra outras facetas da África que nos acostumamos a ver

Não é fácil ser o jovem. No Brasil ou na Costa do Marfim. Nessa fase da vida, todos temos os mesmos questionamentos, as mesmas convicções, os mesmos sonhos. É o que se constata na série de HQs Aya de Yopougon (no Brasil foram lançados pela L&PM três dos seis volumes originais) criada pela autora da Costa do Marfim, Marguerite Abouet e pelo seu compa-nheiro, o ilustrador Clément Oubrerie.

A série narra a vida cotidiana de Aya e suas amigas, que acabam de sair da adolescência, no final da década de 1970. A história se passa em Yopougon, um bairro popular de Abidjan, na Costa do Marfim, e acompanha os eventos da vida adulta, seus sonhos, percalços e decisões no dia a dia de uma comunidade animada e diversa.

A história de Aya e suas amigas aborda questões como relacionamentos, amizades, aspirações profissionais, desafios familiares e o papel da mulher na sociedade e cultura daquele país. Aya de Yopougon não apenas proporciona uma experiência de leitura



DIVULGAÇÃO

Aya de Yopougon tem seis livros, mas no Brasil só chegaram três

agradável, mas também contribui para a diversidade e representação na literatura de quadrinhos ao trazer à tona histórias africanas autênticas, que muitas vezes são sub-representadas.

Numa das entrevistas que concedeu, Marguerite Abouet disse que “fala-se muito sobre como os africanos morrem, mas nunca sobre como eles

vivem”. Por isso, sua obra é tão bacana de ler. Mostra uma realidade que passa longe do folclore, do preconceito e do falso primitivismo com que o mundo ocidental trata o continente africano. Marguerite e Clément ganharam o prêmio de melhor estreia no prestigiado Festival de Angoulême, o mais importante do universo HQ.

Aqui é a maior **economia** pertinho de você.

Preço baixo e variedade.
Tudo para você que precisa abastecer o seu comércio ou a sua casa.

Lojas em: Salvador • Teixeira de Freitas • Eunápolis • Vitória da Conquista • Ilhéus • Barreiras • Valença • Santo Antônio de Jesus • Irecê • Lauro de Freitas • Simões Filho • Camaçari • Feira de Santana • Alagoinhas • Juazeiro

A MARCA DA MÃO NEGRA NA CIDADE DA BAHIA

Salvador tem influência africana na arquitetura e em sua estrutura urbana

Luiza Gonçalves

REPORTAGEM

luiza.goncalves@redabahia.com.br

De mãos que ergueram a cidade aos princípios civilizatórios que unem natureza, religiosidade e espaço geográfico. Na arquitetura, a contribuição dos povos africanos trazidos para o Brasil se faz presente na cidade de Salvador desde a construção de habitações, igrejas e casas-rões, até a criação de espaços religiosos de matriz africana que conservavam ancestralidade, coletividade e espiritualidade.

“A principal questão para entendermos sobre essa participação, sobre essa importantíssima contribuição que eu vou chamar de mão afro-brasileira, lembrando o [artista plástico] Emanuel Araújo, é justamente na cidade como um todo”, explica o professor e historiador Rafael Dantas. “A arquitetura do Centro Histórico talvez não mostre de forma evidente esses contributos, essas influências diretamente ligadas ao mundo africano em seus estilos, em seus detalhes, mas tem que se destacar que tudo foi construído pela mão afro-brasileira, inclusive muitas das obras de arte”, conta o historiador.

Um exemplo emblemático da mão de obra negra em Salvador é a Igreja Nossa Senhora do Rosário dos Pretos, que foi financiada e construída pela Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos, fundada em 1685 e constituída apenas por pessoas negras. Começando como uma pequena capela no séc. XVIII, foi edificada por escravizados e ex-escravizados como um local negro que, além do catolicismo, buscava preservar a cultura religiosa africana, adotando sincretismo em seus cultos e expressando uma tradição afro-católica em Salvador.

O historiador e arquiteto Francisco Senna, explica que

foi a partir de meados do século XIX, quando se dá o início do processo abolicionista com a Lei Eusébio de Queirós, que se tem a notícia dos primeiros terreiros de candomblé em Salvador, onde africanos tinham a liberdade de expressão do seu modo de vida e arquitetura. No quintal da Igreja de Nossa Senhora da Barroquinha, pertencente à irmandade negra de Nossa Senhora da Boa Morte, e próximo Rio das Tripas, atual Baixa dos Sapateiros, surgiu o Ilê Axé Airá Intilê, o primeiro candomblé de Salvador.

“O terreiro de candomblé é um espaço de resistência e cultura própria em que os africanos escravizados aqui puderam de fato mostrar sua concepção urbanística no sentido da relação do edifício com a natureza, na tipologia arquitetônica, implantando muito do que existia na África em termos de espacialidade religiosa. Cito dois exemplos importantes e muito conhecidos, que são o Terreiro da Casa Branca e o Ilê Axé Apô Afonjá”, afirma Francisco Senna.

A distribuição geográfica dos terreiros veio de uma necessidade de sobrevivência e conexão com a natureza, explica o arquiteto. Instalaram-se em lugares distantes do centro da cidade e próximos à mata, onde podia se cultivar livremente as divindades. Hoje representam fontes da união entre o sagrado, meio ambiente e ancestralidade negra na capital. Além dos terreiros, ele cita espaços urbanos como Pedra de Xangô, que recentemente foi tombada, o Dique do Tóró, o Rio Vermelho com o presente de Iemanjá, a Lagoa do Abaeté, as árvores sagradas Iroko, enroladas com tecido branco e que representam uma divindade, a reserva florestal de São Bartolomeu, com as quedas d’água e a mata que é espaço sagrado para o culto do candomblé.

“[eles] Trazem consigo esse registro, esse legado”, arremata Senna.

1 Pedra de Xangô A área, em Cajazeiras, foi tombada recentemente **2 Irmandade** A Igreja do Rosário dos Pretos foi construída pelos negros e para eles

“Tudo foi construído pela mão afro-brasileira, inclusive muitas das obras de arte, das imagens sacras, pinturas
Rafael Dantas
Professor e historiador

“O terreiro de candomblé é um espaço de resistência e cultura própria
Francisco Senna
Historiador e arquiteto



ANA LUCIA ALBUQUERQUE

ELA NÃO É COOL, ELA É COOLER!

melissa

COOLER BAG

Ganhe esta novidade

EM COMPRAS A PARTIR DE R\$499,90.*

*AÇÃO VÁLIDA EM CLUBES SELECIONADOS E EM PRODUTOS DA COLEÇÃO MELISSA 2023, A PARTIR DE 28/11/2023, DE ACORDO COM A DISPONIBILIDADE E ESTOQUE. NÃO VÁLIDA PARA PRODUTOS EM LIQUIDAÇÃO. CONSULTE O REGULAMENTO EM CONTATO COM AS LOJAS.



AFROBEATS

Conheça o som e as estrelas da música pop nigeriana

Luiza Gonçalves
REPORTAGEM
luiza.goncalves@redabahia.com.br

Kulosa, Calm Down e Love Nwantiti. Lendo os nomes talvez você não se lembre de cara, mas, com certeza você já deve ter ouvido alguma dessas músicas. As três canções viralizaram nas redes sociais e são apenas uma mostra do fenômeno global Afrobeats, gênero musical pop africano que tem seus maiores expoentes na Nigéria e ganha fama internacional desde 2018.

Fusão de ritmos, com alta energia e foco na batida dançante, o Afrobeats traz mais uma camada para a música africana que conhecemos, invadindo festas, premiações e tendo parcerias com cantores famosos. Burna Boy, o “African Giant” é um dos artistas nigerianos smais conhecidos da

cena: ganhou o Grammy em 2021 por Melhor Álbum de Música Global com “Twice As Tall”, cantou na final da Champions League em 2023 e acumula feats com Ed Sheeran e Major Lazer. Outro destaque é o cantor Rema dono do hit Calm Down, que ficou 57 semanas na lista da Billboard Hot 100 e conquistou dois prêmios no VMA 2023.

AFROBEAT OU AFROBEATS

Quando se fala de Afrobeats muitas vezes um outro gênero musical famoso da Nigéria é associado, o Afrobeat. Embora o Afrobeats beba dele nas suas inspirações, os dois são distintos. O Afrobeat se desenvolveu nas décadas de 60 e 70, batizado pelo seu pioneiro, o nigeriano Fela Kuti, junto com seu parceiro Tony Allen.

O gênero tem influências da música Fuji e Highlife, misturado com o Jazz, Funk e outros ritmos afro-diaspóricos. Geral-

mente feito com bandas grandes, solos instrumentais longos e grooves mais complexos, como explica Jef Rodriguez, MC, compositor e discotecário.

“Os Afrobeats, nascem nos anos 2000/2010, como uma espécie de fusão diversificada de vários gêneros contemporâneos, como house music britânica, hip hop, dancehall, soca, R&B, Ndombolo, Naija beats, Azonto, etc. De maneira geral, Afrobeats foi um termo criado para agrupar de forma mais abrangente a música pop contemporânea da África Ocidental, como uma espécie rótulo facilmente acessível”, diferencia Jeff, que pesquisa o gênero há alguns anos.

Admirador declarado do cantor Fela Kuti, Burna Boy frequentemente reverencia o músico em suas obras, performances e utiliza canções de Fela em samples nas suas músicas. Um exemplo é a referência ao ritmo de “Sorrow Tears and Blood” de Fela Kuti and The Afrika 70 na faixa de “Ye”, de 2017, que possui mais de 252 milhões de visualizações no Youtube.

Burna Boy, Asake, Olamide, WizKid, Tiwa Savage, Davido, Ayra Starr, Rema, Oxlade, Davido, artistas que mobilizam multidões em shows e têm milhões de visualizações em seus clipes.

VEJA AO LADO CINCO POPSTARS NIGERIANOS

FOTOS DE DIVULGAÇÃO



Wizkid: um dos artistas mais influentes na música nigeriana, ficou conhecido por single com “Ojuelegba” e a colaboração com Drake em “One Dance”. Recomendação: álbum “Made in Lagos”



Tiwa Savage: cantora de Lagos, conhecida como a Rainha dos Afrobeats, tem entre os principais trabalhos “All Over”, “Koroba” e “Keys To The Kingdom”, da trilha de Black is King. Recomendação: álbum “Celia”



Davido: com mais de 2 bilhões streams, uma das diferenças do cantor Davido, nascido em Atlanta e criado em Lagos, é sua também atuação enquanto produtor musical de afrobeats. Recomendação: álbum “A Better Time”, considerado um de seus melhores trabalhos.



Ayra Starr: famosa pelo seu hit “Away”, a cantora de 21 anos tem mais de 13 milhões de ouvintes mensais no Spotify e é considerada a voz feminina do Afrobeats mais popular na atualidade. Recomendação: álbum “19 & Dangerous”



Burna Boy: é o grande nome do Afrobeats nos últimos anos. Seu álbum mais recente “I Told Them” lhe rendeu 4 indicações ao Grammy 2024. Recomendação: álbum “African Giant”.



56% DAS EMPREENDEDORAS JÁ SOFRERAM ALGUM TIPO DE PRECONCEITO POR SEREM MULHERES.



**EMPREENDER É SUPERAÇÃO.
EMPREENDER TEM**

poder

Empodere-se você também. O Sebrae apoia o seu sonho, e o seu sonho transforma vidas. Temos cursos, consultorias, orientação empresarial e muitos conteúdos para você.

Saiba mais: sebraedelasbahia.com.br



ASSINATURA DA FOTO



1



2

ENTENDA O QUE É O LETRAMENTO RACIAL

Educação antirracista debate questões raciais e o papel das pessoas brancas

Lucas Leal e Jorge Gauthier
REPORTAGEM
redacao@correio24horas.com.br

Quando precisou aprender a lidar com o cabelo cacheado da filha, a influenciadora e dançarina Lorena Improta despertou para duas coisas: o preconceito que já atravessa a vivência da pequena Liz, uma criança negra, e a necessidade dela, como mãe e mulher branca, compreender como o racismo funciona. No ano passado, Lorena começou sua busca pelo letramento racial, um processo de educação antirracista que aborda questões raciais e suas implicações. Ao contrário do que muita gente pensa, é importante que todos entendam e falem sobre o racismo, incluindo pessoas brancas, para efetivamente desconstruir

a discriminação baseada na cor da pele ou etnia. Idealizadora da Escola Afro-brasileira Maria Felipa, a primeira escola afro-brasileira nas esferas da Educação Infantil e do Ensino Fundamental no Brasil, Bárbara Carine explica que o letramento racial é uma variação do conceito pedagógico de letramento. Ou seja, é um processo de aquisição de repertório linguístico para o entendimento de certos códigos. “Existem diversos tipos de letramento, inclusive o letramento racial, que tem uma correlação com essa tomada de consciência crítica Bárbara Carine Idealizadora da Escola Afro-brasileira Maria Felipa

Existem diversos tipos de letramento, inclusive o letramento racial, que tem uma correlação com essa tomada de consciência crítica

O letramento racial é fundamental para desafiar e desconstruir preconceitos, estereótipos e práticas discriminatórias Luciane Reis Fundadora do MercAfro

rentona). No bairro do Garcia, a Escola Afro-brasileira Maria Felipa deu seus primeiros passos ainda em 2017, com a busca de Bárbara para educar sua filha Lana a partir de outros marcos civilizatórios. O primeiro ano letivo ocorreu dois anos depois. Por meio do letramento racial, é possível identificar e combater diversos tipos de violência contra pessoas negras, incluindo o racismo estrutural e o institucional. De acordo com a comunicóloga e pesquisadora Luciane Reis, o conceito tem objetivo de formar pensamento crítico sobre estruturas de poder e sistemas de discriminação. “O letramento racial é fundamental para desafiar e desconstruir preconceitos, estereótipos e práticas discriminatórias, promovendo assim uma sociedade mais justa e inclusiva”, afirma Luciane, que é fundadora do centro de educação com viés racial MercAfro, em Salvador. Ela explica que esse tipo de letramento envolve quatro eixos principais: a conscientização das dinâmicas sociais, históricas e estruturais; a análise crítica de atitudes, narrativas e políticas que sustentam a discriminação racial; as habilidades de diálogo, para discutir e abordar questões raciais de forma respeitosa, empática e construtiva; e, por fim, ação e engajamento para promover a igualdade racial. “As pessoas brancas quando chegavam no Brasil eram tidas como superiores às negras. As pessoas brancas pobres que vieram de outros países para ocupar o Brasil no processo de embranquecimento da população foram as verdadeiras primeiras cotistas do país. Elas chegaram

1 Aline Lisboa Para a educadora, a educação antirracista passa por entender as relações de poder entre brancos e pretos na história 2 Mídia Noelle A jornalista conduz iniciativa de comunicação que é baseada nos conceitos de inovação, raça e etnia

COMO SER ANTIRRACISTA

- **Educação contínua:** busque informação sobre racismo e suas ramificações sociais. Entenda a história e as experiências das comunidades racializadas.
- **Escute ativamente:** esteja aberto para ouvir as experiências, perspectivas e desafios das pessoas racializadas. Pratique a escuta ativa.
- **Refleta sobre seus próprios preconceitos, estereótipos e privilégios.**
- **Evite silenciar ou minimizar experiências de racismo.**
- **Seja aliado:** use seu privilégio para apoiar e amplificar as vozes das comunidades racializadas.
- **Questione e desafie:** Não aceite ou ignore comentários ou comportamentos racistas.
- **Participe de iniciativas antirracistas, movimentos ou organizações que trabalham ativamente contra o racismo.**

● **Autoeducação sobre práticas inclusivas:** aprenda a reconhecer e evitar práticas que possam ser discriminatórias, como linguagem carregada de estereótipos ou atitudes que reforcem desigualdades.

ONDE APRENDER?

- **LETRAMENTO RACIAL, DA PROFESSORA LUIZA MANDELA SILVA SOARES**
Modalidade: online
Carga horária: 10h
Valor: 12 de R\$ 19,66 ou R\$ 197,00 à vista
Informações: professoraluzamandela.com.br
- **CULTURA ANTIRRACISTA – DESCOLA**
Modalidade: online
Valor: gratuito
Carga horária: 2h de vídeo aulas e 2h leitura de ebook
Mais informações: descola.org/cultura-antirracista
- **ESCOLA ANTIRRACISTA – NOTÍCIA PRETA**
Modalidade: online
Valor: gratuito
Mais informações: escolaantirracista.com.br
- **ESCOLA AFRO-BRASILEIRA MARIA FELIPA**
Modalidade: Educação Infantil e Ensino Fundamental (presencial em Salvador)
Mais informações: escolamariafelipa.com.br

aqui recebendo terra, direitos e acesso a bens”, ressalta Mídia Noelle, jornalista e diretora-geral da Commbne, uma iniciativa de comunicação baseada em inovação, raça e etnia. A Commbne atua em quatro eixos principais: formação, informação, intercâmbio e produção, além de contribuir na realização de formações, cursos e palestras, assessoria em comunicação de projetos. Já a educadora empresarial em diversidade e ESG – sigla em inglês para governança ambiental, social e corporativa – Aline Lisboa destaca que essa educação antirracista parte do princípio de entender como as relações de poder entre brancos e pretos se estabeleceram no país, que foi profundamente marcado por séculos de exploração do povo negro escravizado. “O letramento é entender esse contexto para criticar e combater as desigualdades e o racismo. Para além de tudo, desconstruir as atitudes racistas que estão no dia a dia da nossa sociedade”, comenta. Mesmo com a abolição da escravidão em 1888, as pessoas negras escravizadas que oficialmente foram tidas como libertas não tiveram acesso a políticas públicas efetivas para

garantirem direitos básicos como cidadãos. O resultado desse processo foi a marginalização, a falta de oportunidades e recussos e a discriminação estrutural que dificultou a vida de gerações da população negra brasileira. “Quando a gente fala de racismo não é só da injúria racial, das agressões psicológicas, do que a gente vivencia no nosso dia a dia. São as desigualdades sociais absurdas do nosso país, onde as mazelas sociais são atribuídas em números muito maiores à população negra”, argumenta Aline. **PAPEL DE TODOS** Liz tem apenas dois anos e é fruto do relacionamento entre Lore Improta e o cantor Leo Santana. Juntos, constroem o que pode-se chamar de uma família interracial, ou seja, formada a partir da união de identidades raciais diferentes. Por conta disso, entender as nuances do racismo no cotidiano torna-se fundamental, principalmente para a influenciadora. “Sei que ainda estamos muito longe de um mundo onde não viveremos ou presenciaremos situações racistas, mas sei que com conhecimento e amor, podemos avançar um pouco mais a cada dia”, afirma Lore. “É isso que tento fazer diariamente,

A Bahia tem a maior população preta do Brasil, com cerca de 3,5 milhões de pessoas autodeclaradas

lutar por um mundo onde meninas como a minha Liz possam andar, respirar e sonhar livremente”, escreveu em uma publicação onde aparece ao lado da filha. Ela começou os estudos de letramento racial por meio do Instituto Da Cor ao Caso, um centro de letramento racial e diversidade que atua em organizações públicas e privadas, criado pela advogada maranhense Anita Machado, e passou a compartilhar seu aprendizado nas redes sociais, em que acumula mais de 15 milhões de seguidores somente no Instagram. “O papel das pessoas brancas na luta [contra o racismo] é elas terem letramento racial para identificar o que é um ato racista e ‘pular na frente da bala’. As pessoas brancas acessam espaços de poder e de tomada de decisão onde as pessoas negras têm dificuldade para acessar”, afirma Thais Bernardes, jornalista e fundadora da Escola de Comunicação Antirracista. Lançada em agosto pelo portal Notícia Preta, a iniciativa é uma plataforma online com cursos gratuitos para capacitar principalmente pessoas negras e periféricas em diferentes áreas da comunicação e mídia e já conta com mais de 1.500 inscritos. Os

temas abordados na Escola pretendem instruir os alunos a aplicarem uma linguagem e um olhar antirracista e combatendo demais preconceitos enraizados, como a homofobia, o machismo e a transfobia. A Escola de Comunicação Antirracista surgiu com a proposta de democratizar o acesso ao que é uma comunicação antirracista, principalmente em profissões como assessoria de imprensa, marketing digital, jornalismo, publicidade, entre outras ligadas às diversas mídias. O objetivo é despertar um pensamento crítico para evitar a perpetuação de estereótipos racistas nos meios de comunicação e promover uma cultura não violenta. “A gente do Notícia Preta entende que o jornalismo é uma ferramenta de transformação social através da educação. Jornalismo é educação. Não tem como a gente transformar e tensionar as estruturas sem a educação”, acrescenta Thais. Atualmente, cerca de 56% da população brasileira é negra, segundo dados divulgados em junho deste ano pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), por meio da divisão de Características Gerais dos Domicílios e dos Moradores 2022 da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) Contínua. A população negra é considerada como o conjunto das pessoas residentes que se declaram como pretas e pardas. Dentro desse grupo, o estudo revelou que os pardos são a maioria, com 45,3% do total da população, enquanto os pretos representam 10,6%. A Bahia tem a maior população preta do Brasil, com cerca de 3,5 milhões de pessoas autodeclaradas. Ao todo, pretos e pardos representam quase 81% da população do estado. Mas, na prática, as pessoas de pele branca não devem ser vistas como minoria, por conta da questão demográfica ou quantitativa.



O PÓ MAIS VENDIDO DO BRASIL

em farmácias e perfumarias*

TECNOLOGIA REAL COLOR
Cores fiéis à embalagem em todos os tons de pele

EFEITO MATTE

NOVA EMBALAGEM
Com menos plástico

10 CORES



VOA QUE O MUNDO É SEU

aqui recebendo terra, direitos e acesso a bens”, ressalta Mídiã Noelle, jornalista e diretora-geral da Commbne, uma iniciativa de comunicação baseada em inovação, raça e etnia.

A Commbne atua em quatro eixos principais: formação, informação, intercâmbio e produção, além de contribuir na realização de formações, cursos e palestras, assessoria em comunicação de projetos.

Já a educadora empresarial em diversidade e ESG – sigla em inglês para governança ambiental, social e corporativa – Aline Lisbôa destaca que essa educação antirracista parte do princípio de entender como as relações de poder entre brancos e pretos se estabeleceram no país, que foi profundamente marcado por séculos de exploração do povo negro escravizado.

“O letramento é entender esse contexto para criticar e combater as desigualdades e o racismo. Para além de tudo, desconstruir as atitudes racistas que estão no dia a dia da nossa sociedade”, comenta.

Mesmo com a abolição da escravidão em 1888, as pessoas negras escravizadas que oficialmente foram tidas como libertas não tiveram acesso a políticas públicas efetivas para

garantirem direitos básicos como cidadãos. O resultado desse processo foi a marginalização, a falta de oportunidades e recursos e a discriminação estrutural que dificultou a vida de gerações da população negra brasileira. “Quando a gente fala de racismo não é só da injúria racial, das agressões psicológicas, do que a gente vivencia no nosso dia a dia. São as desigualdades sociais absurdas do nosso país, onde as mazelas sociais são atribuídas em números muito maiores à população negra”, argumenta Aline.

PAPEL DE TODOS

Liz tem apenas dois anos e é fruto do relacionamento entre Lore Improta e o cantor Leo Santana. Juntos, constituem o que pode-se chamar de uma família interracial, ou seja, formada a partir da união de identidades raciais diferentes. Por conta disso, entender as nuances do racismo no cotidiano torna-se fundamental, principalmente para a influenciadora.

“Sei que ainda estamos muito longe de um mundo onde não viveremos ou presenciaremos situações racistas, mas sei que com conhecimento e amor, podemos avançar um pouco mais a cada dia”, afirma Lore. “É isso que tento fazer diariamente,

lutar por um mundo onde meninas como a minha Liz possam andar, respirar e sonhar livremente”, escreveu em uma publicação onde aparece ao lado da filha.

Ela começou os estudos de letramento racial por meio do Instituto Da Cor ao Caso, um centro de letramento racial e diversidade que atua em organizações públicas e privadas, criado pela advogada maranhense Anita Machado, e passou a compartilhar seu aprendizado nas redes sociais, em que acumula mais de 15 milhões de seguidores somente no Instagram.

“O papel das pessoas brancas na luta [contra o racismo] é elas terem letramento racial para identificar o que é um ato racista e ‘pular na frente da bala’. As pessoas brancas acessam espaços de poder e de tomada de decisão onde as pessoas negras têm dificuldade para acessar”, afirma Thais Bernardes, jornalista e fundadora da Escola de Comunicação Antirracista.

Lançada em agosto pelo portal Notícia Preta, a iniciativa é uma plataforma online com cursos gratuitos para capacitar principalmente pessoas negras e periféricas em diferentes áreas da comunicação e mídia e já conta com mais de 1.500 inscritos. Os

temas abordados na Escola pretendem instruir os alunos a aplicarem uma linguagem e um olhar antirracista e combatendo demais preconceitos enraizados, como a homofobia, o machismo e a transfobia.

A Escola de Comunicação Antirracista surgiu com a proposta de democratizar o acesso ao que é uma comunicação antirracista, principalmente em profissões como assessoria de imprensa, marketing digital, jornalismo, publicidade, entre outras ligadas às diversas mídias.

O objetivo é despertar um pensamento crítico para evitar a perpetuação de estereótipos racistas nos meios de comunicação e promover uma cultura não violenta. “A gente do Notícia Preta entende que o jornalismo é uma ferramenta de transformação social através da educação. Jornalismo é educação. Não tem como a gente transformar e tensionar as estruturas sem a educação”, acrescenta Thais.

Atualmente, cerca de 56% da população brasileira é negra, segundo dados divulgados em junho deste ano pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), por meio da divisão de Características Gerais dos Domicílios e dos Moradores 2022 da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) Contínua.

A população negra é considerada como o conjunto das pessoas residentes que se declaram como pretas e pardas. Dentro desse grupo, o estudo revelou que os pardos são a maioria, com 45,3% do total da população, enquanto os pretos representam 10,6%.

A Bahia tem a maior população preta do Brasil, com cerca de 3,5 milhões de pessoas autodeclaradas. Ao todo, pretos e pardos representam quase 81% da população do estado. Mas, na prática, as pessoas de pele branca não devem ser vistas como minoria, por conta da questão demográfica ou quantitativa.

A Bahia tem a maior população preta do Brasil, com cerca de 3,5 milhões de pessoas autodeclaradas

O PÓ MAIS VENDIDO DO BRASIL

em farmácias e perfumarias*

TECNOLOGIA REAL COLOR
Cores fiéis à embalagem em todos os tons de pele

EFEITO MATTE

NOVA EMBALAGEM
Com menos plástico

10 CORES



VOA QUE O MUNDO É SEU

vult

TEVE ATÉ DICA DE FINANÇAS NO AFD

Performance da MC Áurea Semiséria discutiu consciência financeira nesta edição do desfile

Doris Miranda

REPORTAGEM

doris.miranda@redebahia.com.br

Na passarela do Afro Fashion Day 2023 não teve só desfile de moda, não. Teve música, dança e muita performance. Uma das mais inusitadas foi a da rapper soteropolitana Áurea Semiséria, que já entrou em cena mandando a real com uma roupa que, por si só, falava sozinha.

Criação do artista plástico e estilista Fagner Bispo, o sobretudo de caimento muito orgânico estampava palavras que não só refletem a realidade econômica da maioria esmagadora dos trabalhadores ao lidar com os boletos de todo mês, como também têm um propósito de educar financeiramente essas mesmas pessoas, comuns como nós.

Some-se a isso, o rap inédito que a cantora de 25 anos executou na passarela/palco montado no Terreiro de Jesus.

Na real, foi no conceito musical de palco que fez Semiséria relaxar, porque ela nunca havia participado de um evento de moda como modelo. E foi o gancho ideal para que a artista de Cajazeiras 11 cantasse a inédita Dismorfia Financeira will Bank, letra que discute e amplia um tema caro à instituição financeira: a dismorfia financeira.

Preta, gorda, lésbica e periférica, MC Áurea Semiséria entrou na passarela modelando e, de repente, já estava com microfone em punho cantando versos como “o dinheiro é seu, cê faz o que quiser meu bem / somos reis e rainhas nessa selva de pedra... /... consciência financeira é um direito nosso... /... então, respeita as mina correria que trabalha dia e noite pra criar sua cria”.

Além de Áurea, outras cantoras se apresentaram no AFD 2023, misturando moda e música: Nara Couto, que abriu o desfile, e Majur, que encerrou os trabalhos.

ENTENDA

● **O que é dismorfia:** preocupar-se de forma excessiva com algo

● **Dismorfia financeira:** condição que afeta a forma como diferentes pessoas percebem a própria realidade financeira

● **A incerteza é uma realidade:** 90% dos brasileiros não conseguem comprar tudo o que precisam e não contam com reservas que permitam fazer planos e pensar no futuro

1 MC Áurea Semiséria vestiu look de fagner Bispo para discutir dismorfia financeira **2 Nara Couto** abriu o desfile cantando **3 Nildinha** fez uma performance de dança

“Consciência financeira é um direito nosso. Então, respeita as mina correria que trabalha dia e noite pra criar sua cria **Áurea Semiséria**”

Na letra do rap Dismorfia Financeira do will Bank

“A gente está na passarela mais preta do Brasil justamente para discutir como é a relação emocional que os brasileiros têm com o dinheiro **Ana Coelho**”

representando do will Bank



A potência de um oceano de riquezas ancestrais.

A construção de um futuro mais justo começa pelo resgate e valorização desse tesouro que se manifesta em forma de história, cultura e criatividade. Fazer parte dessa jornada é um compromisso da Wilson Sons.



Acesse www.wilsonsons.com.br
Acompanhe nossas redes sociais.